

2 A CONDIÇÃO HUMANA

2.1 Introdução

Faremos, iniciando este novo capítulo, uma pequena introdução para reconduzir o leitor à centralidade do tema desenvolvido até aqui. Muitas são as questões levantadas e especuladas por Gesché, em especial sobre as que são a razão do nosso trabalho: o ser humano em sua relação com Deus.

Percorremos o capítulo anterior procurando conceituar a compreensão de Gesché sobre o ser humano, sempre na perspectiva do homem cristão. Interessamos reconhecer, hoje, a legitimidade do ser cristão. Isso o autor desenvolve com muita propriedade: na defesa do Homem, o reconhecimento de Deus e, desta forma, a possibilidade de se proclamar cristão. Podemos defender sem receios, atualmente, o espaço da teologia no diálogo entre as ciências ditas racionais. É justamente nesse âmbito que o trabalho veio sendo desenvolvido.

Primeiramente, procuramos levantar aspectos antropológicos e teológicos que fundamentassem a presença de elementos antropológicos na criação. Realizado isso, reconhecemos a antropologia como ciência indispensável para abordagem teológica. Gesché vai expressar sua reflexão a partir de uma teologia antropológica, invertendo os termos como forma de evidenciar na teologia a necessária atuação da antropologia. É dentro dessa perspectiva que o autor destaca o elemento da liberdade como fundante do ato da criação de Deus na tradição judaico-cristã. Associada ao elemento da liberdade, Gesché aprofunda a alteridade como outro elemento essencial na compreensão da dinâmica da criação, que possibilita uma realidade integrada ao transcendente, a partir da imanência da história, que foi desfatalizada com essa ação de Deus na criação. Outros elementos também foram destacados, como a destinação, que trouxe, juntamente com a liberdade, a discussão do sentido existencial do ser humano, e a salvação, intimamente ligada à compreensão da liberdade cristã e o mal, como atributo não constitutivo do ser humano. Na verdade, este tema se destaca não só pela

atualidade antropológica, como também pela direta relação com o tema da responsabilidade, que se encontra associado de forma imediata ao da liberdade.

Por fim apresentamos a fé como uma realidade possível de ser criada. Foi discutida, a partir da compreensão da liberdade, da responsabilidade e da alteridade, a fé como elemento fundamental na construção da confiança entre os Homens. Ela foi dada como atitude imprescindível do uso da liberdade humana, uma liberdade compreendida na dimensão existencial do ser humano. Isso significa que a liberdade foi pensada para além da imanência, ou seja, uma liberdade transcendental, que dá um sentido diferente à vida do ser humano.

Aqui precisamos nos deter em uma explicação para seguir os passos propostos neste capítulo. Gesché se preocupa em explicitar o conceito de sentido, pois, muitas vezes, nos apropriamos do termo como última realidade atingida em Deus. Como diz o autor, “*não vamos fazer de Deus o funcionário do sentido. Como se ele fosse sua última e única chave*”⁵⁵ O autor não atribui ao sentido uma condição de submissão a Deus. Isso nos faz entender que o sentido tem suas condições próprias, independentes de atribuições, assim como Deus independe dele, em si, caso contrário poderia ser visto como reduzido ao sentido, sendo equivalente ao sentido⁵⁶. Na verdade, Gesché deseja aprofundar a idéia de que Deus não se reduz a nada, nem ao sentido, caso contrário Deus teria um papel funcional, mesmo que a teologia contribua para conceituar o sentido, dando sentido à experiência sensível.

O autor afirma que o sentido é um lugar que precisa ser vivido, portanto, “*ele é vivido onde é vivido. Não pede outra justificação*”⁵⁷. Gesché vai chamar de “lugares do sentido” alguns daqueles temas desenvolvidos, tais como liberdade, alteridade e destinação. Inclui também uma abordagem que faz sobre o imaginário para completar sua compreensão sobre o ser humano da fé. Evoca a necessidade de, a partir desses elementos, deixar que o sentido apareça como sentido em si mesmo, ou seja, que possa ser anunciado. É dessa forma que o autor propõe trabalhar a liberdade, a alteridade e a destinação como elementos trazidos pela

⁵⁵ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 5.

⁵⁶ Ibid., p. 5.

⁵⁷ Ibid., p. 6.

teologia, que podem contribuir para os diferentes caminhos que conduzem a manifestação do sentido. Ou seja, reconhecer para cada um seu lugar existencial.⁵⁸

Dentro dessa perspectiva, o sentido é trabalhado como cenário de diferentes lugares possíveis de serem vividos. Portanto, não o destacamos como o fizemos com os outros temas. Ele terá seu lugar em cada elemento trazido pela teologia na elucidação do sentido. Representará, a partir das reflexões de Gesché, uma compreensão de onde se manifesta e não como uma condição *a priori*, ou seja, já determinada, à espera de ser alcançada. Essa apresentação de Gesché traz uma reflexão profunda que completa a compreensão do tema da liberdade, que trataremos a seguir. Faz-nos consolidar a idéia de que a liberdade tem um movimento processual, de construção individual e coletiva, pois o sentido não está dado de forma acabada, para ser alcançado como meta final. Mas, atualizado permanentemente diante das circunstâncias cotidianas.

Seguiremos, então, a partir de Gesché, nossa proposta de desenvolver e aprofundar os elementos da condição humana, dando-lhes o sentido próprio em cada um desses lugares que o Homem deve ocupar em desenvolver para o exercício de sua existência humana e de Homem de fé.

2.2

A Liberdade

“Eu sou quem sou.” (Ex 3,14)

A citação nos remete à narrativa do Êxodo, onde Deus se apresenta a Moisés. Uma apresentação que dá condição de entender a ausência de uma anterioridade. Deus é princípio, fez existir, como a tradição judaico-cristã afirma. É a partir dessa afirmação, onde Deus se faz conhecer em sua identidade, como veremos adiante, que o tema da liberdade vai ser aprofundado por Gesché.

Logo de início, Gesché vai diferenciar o desenvolvimento do tema da liberdade entre aqueles que puderam pensar sobre sua compreensão, os não cristãos e os cristãos. Assim como o fez quando abordou o tema da criação, tanto

⁵⁸ GESCHÉ, A., *O Sentido*, pp. 5-14.

na perspectiva grega, como na tradição judaico-cristã, trabalhada no capítulo anterior. É contrapondo uma concepção à outra que Gesché vai defendendo e esclarecendo a perspectiva do Homem de fé. O autor, neste caso, também vai contrapor este pensar sobre a liberdade entre a teologia e as outras áreas que contribuíram para este debate.

O autor percorre, de forma muito breve, o trajeto da liberdade ao longo da história. Três grandes figuras são destacadas pelo autor como momentos em que a história foi favorável ao desenvolvimento do pensamento sobre a liberdade. Num primeiro enfoque, a liberdade é vista como *conquista*. Vem identificada com o pensamento dos gregos, que pensaram uma liberdade moral e política; com a modernidade, que enfatizava a liberdade da consciência e da razão; com o século XIX, que desenvolveu uma liberdade individual e econômica; e com o século XX, que aprofundou uma liberdade social e da interioridade do sujeito. A segunda imagem, que o autor chama de liberdade como *essência*, um pensamento presente nas filosofias clássicas. A liberdade pertence ao ser humano, este não precisaria conquistá-la, pois já é algo que pertence à sua própria essência. A terceira perspectiva refere-se à liberdade dada como *existência*⁵⁹ A filosofia existencialista desenvolveu essa compreensão, principalmente a partir de Sartre. A existência, nesta compreensão, se sobrepõe ao indivíduo. O existencialismo defende que a liberdade é anterior ao indivíduo. Portanto, já se encontra presente na realidade que deverá ser vivida pelo sujeito, que é local privilegiado para o Homem desenvolver sua liberdade. “*O ser humano deve conquistar sua essência existindo, ele deve fazer sua liberdade*”.⁶⁰

Em contraposição, a partir da tradição judaico-cristã, Gesché desenvolve o tema da liberdade pensada pelos cristãos na intenção de afirmar a liberdade como *criação*. As representações não-cristãs da liberdade, sistematizadas por Gesché, não excluem a abordagem sobre a liberdade que os cristãos desenvolveram, pois o autor defende o lugar da teologia como uma ciência desenvolvida na história da humanidade. Na verdade, nenhuma abordagem é excluída necessariamente. A perspectiva da liberdade cristã nos remete àquela primeira compreensão da criação: no princípio Deus criou o céu e a terra. Essa será nossa fundamentação. Falamos a partir da fé, da compreensão de que a base da realidade é Deus.

⁵⁹ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 16 passim.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 16.

Reconhecemos, portanto, que a narrativa da Sagrada Escritura sobre a origem do mundo nos dá subsídios para compreender a liberdade como criação. Foi lá que a teologia encontrou suporte para legitimar a antropologia como ciência presente na revelação de Deus. Essa reflexão, já desenvolvida anteriormente, nos ajudará a mergulhar mais profundamente no tema.

Como é uma realidade que considera Deus presente como fundamento, partiremos, então, desta compreensão: a liberdade é dada na criação. Não de forma extrínseca, mas intrínseca à própria criação. Ou seja, o ser humano, ao ser criado por Deus, já o é de forma livre. Gesché desenvolve esse dado específico da liberdade como criação a partir de algumas referências que ajudam a consolidar e legitimar o fundamento dessa concepção.

O fato de ser criado subtrai do ser humano a possibilidade de que tenha arrancado de algo sua liberdade para que existisse. Dessa forma, aquela primeira idéia levantada por Gesché sobre a conquista ficaria, aqui, superada. Uma segunda referência seria mais complexa: Deus, ao criar, dá as possibilidades para que o Homem continue a criar, fazendo-o criador criativo de uma realidade iniciada por Ele. E, ao criar o Homem, o criou à sua imagem e semelhança, portanto, emitindo a imagem que tem de ser humano. E o Homem, ao voltar-se para Deus, dialogará formando essa imagem em semelhança. O que significa afirmar, como atesta Gesché, que *“o ser humano nasceu imagem (é o ato de Deus), deve tornar-se semelhança (é o ato do ser humano).”*⁶¹ Isso nos faz perceber que a criação tem a dinâmica de um movimento de construção, de que nada está acabado e pronto. É dada ao Homem a tarefa de colaborar na criação não acabada. Gesché vai atribuir a essa liberdade uma referência de vocação, ou seja, o ser humano é chamado à sua vocação humana. É a liberdade que deve ser construída na história do Homem. A vocação, portanto, é entendida como desenvolvimento da condição de Homem, de ser humano. Aqui incluímos uma outra referência, bem próxima à da vocação: o ser humano criado criador. Uma idéia já bastante desenvolvida em tópicos anteriores, mas importante destacar, pois é estruturante da idéia de liberdade criada. A liberdade, neste aspecto, associada à idéia da vocação, assume a plena realidade de se tornar responsável pela construção da história pessoal e coletiva do sujeito que está atuando. Mais uma vez, voltamos à origem da criação como

⁶¹ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 18.

desfatalização do ser humano, pois coloca o Homem dentro da dinâmica da re-criação, da transformação de sua realidade. O ser humano torna-se responsável, diante de sua liberdade, pela vida criada. Seria bastante pertinente afirmar que o ser humano é, diante de Deus, um ser muito valioso, pois é tomado por Deus em toda sua realidade, ou seja, em toda sua existência.⁶²

Outra referência destacada, que vem ao encontro das anteriores, completando a percepção dinamizadora da criação, é o fato do ser humano, ao assumir sua vocação de construir sua liberdade, assumir, também, a construção do Reino. Ou seja, assume a construção do projeto de salvação de Deus para o Homem, o desígnio de Deus. Na verdade, a consciência dessa vocação vem quando o Homem responde ao convite de Deus, saindo de si em direção ao próximo. Na confiança das relações humanas, estabelecidas no cotidiano da vida, o Homem encontra a presença reveladora de Deus. É na alteridade, na relação com o outro, que Deus emerge diante do Homem. Lá, na criação, quando fez existir, concedeu a alteridade ao Homem para que pudesse se comunicar e, assim, chegar até Deus de novo. Voltamos à afirmação de que o ser humano constrói a liberdade na criação de sua existência, mas com a presença inevitável da alteridade, que possibilita o sair de si em direção ao Transcendente. O ser humano é o único ser capaz de superações, de reunir na sua finitude o infinito, numa permanente auto-superação. Por fim, Gesché destaca um aspecto que considera mais complexo: da liberdade *acidentada*. Uma liberdade que precisaria ser reconquistada porque foi perdida posteriormente à criação.⁶³ Neste caso caberia a idéia da liberdade conquistada, porque poderia representar uma libertação ou uma conquista de algo perdido. Estaríamos, aqui, falando do mal, que não se encontra na essência das coisas, muito menos que possua alguma anterioridade, mas algo que provenha da própria história. Assim dito, pode ser combatido justamente em qualquer situação que prejudique a imagem e dignidade do Homem. O mal é concedido como contrário à vocação humana, ou seja, desfigura e escraviza o ser humano com falsos valores, que conduzem ao isolamento e ao individualismo. Gesché lembra São Paulo na Carta aos Gálatas: “*é para a liberdade que Cristo vos libertou*” (Gl 5,1). Torna-se uma proclamação à libertação de tudo que reduz e

⁶² GESCHÉ, A., *O Sentido*, pp. 18-20.

⁶³ *Ibid.*, p. 19.

aprisiona o ser humano. Portanto, livre do pecado o ser humano é convocado a se libertar de todo o resto, tornando-se livre para Deus.

“Poder-se-ia falar de liberdade incessantemente a ser libertada para mantê-la em seu direito e em seu estado verdadeiros. De liberdade de libertação. O ser humano volta a tornar-se o que é”.⁶⁴

A partir das referências abordadas por Gesché na consolidação da compreensão cristã sobre a liberdade, podemos afirmar que a tradição judaico-cristã inaugurou um lugar para ser revelada a compreensão da liberdade cristã. Esse é o caminho que o autor propõe. Na verdade, Gesché utiliza-se da religião para afirmar que ela teria um estatuto próprio que desvelaria essa liberdade cristã ao mundo do pensamento. Acredita que a religião, por trabalhar com a tradição, tem uma contribuição importante no desvelamento da liberdade, que deseja ser compreendida na sua existência humana. Para expressar com mais exatidão esse desvelamento, o autor se vale de três situações que envolvem a liberdade: a liberdade que é ampliada na adesão de Deus pelo ser humano, a ética, que envolve as relações humanas e com Deus, e a liberdade reconquistada, que retoma a questão do Homem “voltar a ser o que é”, apesar das rupturas causadas pelo mal. A complexidade do tema exige um aprofundamento para que a dimensão do ser humano possa ser amplamente conhecida na sua maior significação.⁶⁵

Em relação à primeira situação abordada, ela vem responder às inquietantes indagações que o próprio Homem faz sobre a idéia de que Deus inibiria a sua liberdade. Ora, já vimos que a tradição judaico-cristã não traz nenhum elemento que impeça a autonomia do Homem. Pelo contrário, é a sua liberdade criada que lhe dá condições de se tornar mais livre diante de Deus, porque existe a possibilidade da escolha e do Homem ser construtor de sua história. Deus, portanto, não inviabiliza a liberdade do Homem, mas torna-a mais completa ao criá-la, comprometendo o Homem com a sua própria história. Gesché nos lembra que a problemática de fundo recai na concepção que se tem de Deus e do ser humano. Mais que isso, entre os que têm fé e os não crentes. O cristão entende que Deus, ao criar o Homem em liberdade o criou criador, criativo, portanto, livre diante de seu próprio criador. Dessa forma, Deus, na concepção cristã, não pode ser concebido como manipulador, pois deu ao ser humano o pleno

⁶⁴ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 20.

⁶⁵ Ibid. Entre as páginas 21 e 34 o autor trabalha as diferentes maneiras de possibilidades da liberdade

direito de afirmar sua autonomia. Como afirma Gesché, Deus se distanciou para que essa liberdade humana existisse sem riscos de manipulações.

“Jamais se engrandecerá a Deus, tornando-o grande do modo como nós acreditamos que deva sê-lo – e, de modo muitas vezes bem infantil, projetando em Deus os sonhos de nossa imaginação e negando, assim, o que ele próprio quis ser. A grandeza de Deus está, antes, no dom e na certeza de liberdade que ele nos dá. Longe de toda fusão alienante e destrutiva, é preciso, mesmo diante de Deus, distanciamento para que eu seja eu mesmo. Mais uma vez essa distância está na própria lógica da criação de um ser livre e diferente.”⁶⁶

Deus, de modo ténue, discreto e sem violência, se mostra ao Homem de forma que não ocupe o lugar de controlador, muito menos de violador. Deus respeita o tempo e as limitações da condição histórica do ser humano, pois sabe que ele não suportaria uma presença que lhe retirasse possibilidades de escolhas. Porém, também, o Homem reduzido a si mesmo não se suportaria, pois a total invisibilidade de Deus conduziria a ausência de alteridade, seria como o próprio espelho sem reflexo, logo, também sem as possibilidades. Aqui se encontra um enigma da própria condição do Homem e da sua relação com Deus: algo que nem sempre se mostra por inteiro, tanto entre os Homens como na relação com Deus existe um não des-velado. Isso revela, da parte de Deus, um absoluto respeito pela liberdade do ser humano, mostra-nos um Deus que não quer se fundir no Homem anulando-o, mas estar diante de si provocando surpresas ao próprio ser humano, como também na relação com Ele. Diante dessa concepção, a teologia, ao dialogar com as ciências, reconhece que, dependendo da forma como se apresenta, pode significar um falseamento antropológico. A teologia que transfigura o ser humano, falseando sua imagem, é uma teologia que representa um falso deus.⁶⁷ Ou mesmo, o Homem, que impede Deus de ser Deus, manipulando-o, colabora para o “*erro teológico que é, antes de tudo, um erro antropológico*”.⁶⁸

A rica contribuição que a teologia vem prestar, ocupando seu lugar à luz da razão, é colocar diante do ser humano a possibilidade de um futuro diferente, que transcende sua história finita, transformando-a numa realidade de infinitas esperanças. Nessa perspectiva, a liberdade é dada como completude, abrange a totalidade da vida do Homem. A liberdade tem aqui um lugar para ser vivida: o sentido que pode ter em Deus, o sentido de vivê-la integralmente, repleta de

⁶⁶ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 22.

⁶⁷ Ibid., pp. 21-25.

⁶⁸ Ibid., p. 25.

significações. O sentido que tem seus diferentes lugares para ser vivido, um deles a liberdade. Essa é a primeira certeza que a tradição judaico-cristã nos apresenta: o ser humano diante de Deus não morre, é tomado por uma nova existência, a possibilidade de construir, na liberdade, uma identidade cristã. Confirmando o que já dissemos, a identidade cristã deve colaborar para o desvelamento da liberdade cristã afirmada pela tradição religiosa.

O Homem, na busca de sua confirmação, constrói sua identidade, que tem valor individual e coletivo, pois é na relação com o outro que é capaz de se reconhecer e confirmar sua identidade. Podemos, dessa forma, compreender quando Gesché também apresenta a liberdade cristã desvelada na relação com o outro, ou seja, na dinâmica da alteridade, a partir da contribuição da religião. Essa é a segunda abordagem que o autor faz pra mostrar o desvelamento da liberdade cristã pelo religioso. Neste momento relembra que as partes desenvolvidas filosoficamente para confirmar e legitimar a teologia que aborda a liberdade como criação não exclui a presença daquelas interpretações dadas pela filosofia. A fé cristã pode ter pleno reconhecimento nesse debate sobre a liberdade, especificamente a liberdade cristã. Gesché vai denominar liberdade ética essa sustentada pela e na alteridade.

“A fé cristã diz também que a liberdade é conquista quando vê a liberdade como vocação e invenção; ela a vê também como pertencendo à essência do ser humano quando diz que a liberdade se encontra dada no próprio gesto criador, como direito de nascença constitutivo do ser humano; ela vê também como questão da existência quando a vê como acabamento da imagem (dom original) por semelhança (esforço de configuração) e como libertação.”⁶⁹

Ou seja, a teologia e a filosofia são simultaneamente colaboradoras no entendimento da liberdade pensada pelo Homem, mas desejamos que seja, aqui, a partir de Gesché, afirmada como uma liberdade cristã que tem sua existência na teologia transcendental. A religião vai desvelar essa liberdade cristã calcada na certeza de que o ser humano não se encontra reduzido à imanência. Porque é um ser de alteridade, encontra em Deus o fundamento dessa relação que lhe foi dada, constitutivamente, na criação. A liberdade cristã, desvelada e desenvolvida na relação entre os Homens, exige a presença de outro aspecto tratado pela tradição judaico-cristã, a responsabilidade. Na criação Deus sustenta a liberdade do Homem, entregando aos seus cuidados a criação para que seja recriada por ele, a

⁶⁹ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 27.

idéia do ser humano criado criador presente na tradição judaico-cristã. Podemos, portanto, conceber a liberdade cristã associada diretamente à responsabilidade com o outro, com a liberdade do outro. A ética, acentuada pelo autor como uma situação real de desvelamento da liberdade, encontra sua compreensão absoluta no profundo respeito pelo próximo, o outro presente na alteridade. O ser humano, convocado a exercer a sua vocação humana, é chamado à sua liberdade, a desenvolvê-la em relação ao outro, a assumir diante do outro a responsabilidade de ser livre, ou seja, de criar possibilidades de respostas ao Transcendente. Essa condição é atribuída à alteridade transcendente, àquela em que Deus suscita a capacidade da liberdade desejar o outro, necessitar do outro como condição da existência do próprio Homem. É a beleza do rosto desse ser humano que se vê capaz de querer o outro na sua gratuidade, pois vê neste outro o sentido de sua liberdade. Não há possibilidade de entender essa relação que brota de algo fora do Homem como uma relação de dependência. Essa relação que vem de Deus, a da transcendência, se conforma numa alteridade plenamente livre de culpas e de submissão. Portanto, não seria nenhum absurdo afirmar que a relação com Deus proporciona uma relação entre os homens mais humana e edificante. Dessa forma, estar perto de Deus também possibilita ao Homem desenvolver mais sua liberdade pessoal e coletiva.⁷⁰

O sentido, abordado como vontade própria, mais uma vez, é revelado na atuação de um lugar vivido, a liberdade. É concedido à liberdade cristã, desvelada pela mediação da religião, o sentido de sua existência. Viver a liberdade cristã na dimensão ética nos faz compreender com segurança a afirmação de que Deus não se submete ao sentido, mas que a religião é que deve dar o sentido à presença de Deus no desvelamento da liberdade cristã. A liberdade cristã possibilita viver a experiência da gratuidade entre os Homens e Deus. Gesché, para falar dessa absoluta doação diante do outro, remonta à citação bíblica, “*eis-me aqui*”, uma atitude de disponibilidade e de construção do outro, da identidade do outro. Essa é a alteridade que Deus concedeu ao Homem desenvolver quando, diante dele, se dispôs para que o ser humano se encontrasse como Homem na sua humanidade, possibilitando-o construir uma identidade cristã. Alteridade ancorada na liberdade de Deus para os Homens, realizada na criação, aquela que, na tradição judaico-

⁷⁰ GESCHÉ, A., *O Sentido*, pp. 27-34.

cristã, desfatalizou Homem e a história, que inaugurou a idéia de Deus como Sujeito, que fez existir uma ação na origem de tudo. Nesse sentido, a liberdade pode ser pensada como original e combate a idéia de algo extrínseco ao ser humano, possível de manipulações, sujeita a não ser nem desejada ou compreendida. É necessário que o sujeito da fé tenha consciência cristã de sua liberdade para que possa, de forma transparente, desvelar o que é próprio da vida doada por Deus. Na defesa que Gesché faz da liberdade cristã, afirmamos juntos: “a liberdade está também no princípio das coisas”,⁷¹ por isso deve ser desejada e amada como condição no reconhecimento de nossa humanidade. O cristão deve proclamar a ética de Deus inaugurada na criação do mundo, em especial do ser humano, criado em liberdade para ser um livre criador.

Retornamos à citação inicial desse item para legitimar a liberdade cristã como fundante do ato da criação de Deus: “*eu sou quem sou*” (Ex3,14). Aqui se encontra a síntese do pensamento sobre a liberdade cristã desenvolvida para defender o discurso sobre o desvelamento da liberdade (cristã) diante dos outros pensamentos. Gesché vai recorrer à idéia do irracional e do racional para expressar o Deus da tradição judaico-cristã que, compreendido como Princípio de tudo, foge à lógica da racionalidade do Homem, de ser fundado. O Deus cristão, como afirma a tradição, é um Deus que faz existir, ou seja, cria no Princípio, portanto não é criado, por isso incompreensível à lógica da razão. Nesse sentido, irracional, uma irracionalidade referente à anterioridade, não há possibilidade de ser expressado e comunicado, já que no fundamento foi dado a condição de conhecê-Lo a partir do Homem criado criador, livre na sua existência a partir da existência de Deus. O Homem é capaz de inaugurar criando, livremente, a criação recebida. É capaz porque é um ser racional. O irracional tem a sua racionalidade posterior presente naquele que possibilita afirmar a inauguração, o ser humano.⁷²

“Ou, para dizer as coisas ainda de outra forma: o irracional é irracional como *antequam* (não sem anterioridade), mas é racional como *postquam* (porque funda o racional e, desse ponto de vista, é, pois, eminentemente racional).”⁷³

Por isso, Deus é também racional, quando, no Homem, inaugurou a liberdade criativa e a alteridade, dando-lhe a plena condição de se comunicar e criar e, a partir da imanência, do real e de sua racionalidade, se relacionar com o

⁷¹ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 32.

⁷² Ibid., pp. 35-40.

⁷³ Ibid., p. 40.

Transcendente, expressando a construção dessa relação na identidade que vai sendo configurada. Essa perspectiva nos dá todas as condições para compreender a liberdade na sua existência humana. A liberdade deve ser, portanto, compreendida como racional, em que o Homem deve ao mesmo tempo construir, conquistando-a, como desvelar, pois se encontra intrínseca à própria condição de ser humano, de um já vir-a-ser. O ser humano precisa desenvolver a vocação de ser livre, descobrir, desvelando sua existência divina, a liberdade cristã. A teologia quer falar sobre essa liberdade, oferecendo ao cristão o seu espaço na defesa de sua realidade de fé. A religião, na compreensão de Gesché, é mediadora do desvelamento da liberdade, colaborando na autêntica imagem do Deus cristão, um Deus que nos respeita e ama a ponto de nos ter partilhado sua criação, nos fazendo criadores de sua criação. Se compreendermos, dessa forma, a liberdade fundada na nossa criação, entendemos que somos chamados a exercê-la com criatividade, o que significa, um “trabalho de refundação da liberdade”, pois coloca o ser humano na direção da transformação, da ação inventiva. Nesse sentido, a liberdade cristã é desenvolvida na compreensão da responsabilidade. É uma liberdade construída na resposta responsável do Homem diante de sua vida e de Deus. Diante da sua realidade, o ser humano se coloca disponível para criar a partir de sua relação com o outro, uma nova possibilidade de existência, ser cristão. O “*eis-me aqui*”, narrado na tradição judaico-cristã, representa essa gratuidade disponível que dá ao Homem a condição de exercer e construir sua liberdade existencial.⁷⁴

Recorrendo ao texto sobre a liberdade fundante: “*a criação é acesso à liberdade, e esta, apelo à criação*”⁷⁵, podemos concluir essa etapa da reflexão sobre o ser humano afirmando que necessitamos conhecer e desenvolver outras condições humanas para conceber que o Homem cristão não pode ficar reduzido a simples ações de escolhas. A liberdade cristã exige relacionar o elemento da alteridade como um elo construtor da liberdade responsável. É nessa relação que o Homem pode ou não construir com integridade sua identidade cristã. Buscaremos, então, desenvolver o tema da identidade a partir da resposta do ser humano à convocação de co-participante da criação.

⁷⁴ GESCHÉ, A., *O Sentido*, pp. 41-43. Cf. reflexão sobre a racionalidade da liberdade.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 43.

2.3 A Alteridade

Até o momento procuramos direcionar a atenção para o aspecto fundante da liberdade no ato da criação de Deus. Havia a necessidade de aprofundar o elemento da liberdade como construção da identidade cristã. Essa é a preocupação e a defesa do trabalho: reconhecer a real exigência de dialogar a partir de uma identidade construída pela tradição cristã. Ou seja, falar da possibilidade de ter Deus incluído entre outros temas pertinentes ao ser humano. Vimos que para realização desse caminho é necessário o desvelamento da liberdade cristã, como revelação da identidade construída na existência do ser humano. Reconhecemos a ética como uma forte referência no desvelamento da liberdade cristã, pois se desenvolve, necessariamente, na alteridade. Uma alteridade Transcendental que possibilita a liberdade existencial do Homem, nascida da relação de Deus diante da sua criação, em especial do ser humano, criado à Sua imagem. É ter a possibilidade de reconhecer no outro a condição para minha existência. É a partir do diálogo estabelecido entre Deus e o Homem, na liberdade desse encontro, que a alteridade encontrou lugar para dar sentido à sua existência diante da realização do Homem. Nesse sentido, aquela idéia de dependência em relação a Deus, sustentada pela racionalidade dos não-cristãos, pode estar superada, pois a alteridade transcendental originou o exercício da liberdade humana, como realidade a ser construída existencialmente.

A partir desse momento, daremos continuidade ao estudo sobre a alteridade entre os Homens, até chegar à alteridade de Deus, a teológica, intenção central do desenvolvimento dessa reflexão sobre o ser humano na formulação de sua identidade cristã.

De antemão, lembramos a pergunta de Moisés ao Senhor, sobre sua apresentação, caso o povo lhe perguntasse sobre o seu nome. Deus responde, de forma a não só reconhecê-Lo pelo nome, “*eu sou quem sou*”, mas também pelo valor que terá na vida daquele povo. A Sagrada Escritura guarda a forma como Deus se revelou: apresentando-se nominalmente e se dispondo a permanecer entre os Homens, protegendo-os e amando-os. Na verdade, Gesché, ao exemplificar no livro do Êxodo uma original alteridade dada ao ser humano, traz uma reflexão

bastante atual, a dúvida sobre Deus, não mais na existência, mas no significado de sua presença na vida do ser humano. Há uma relação construtiva ou destrutiva com a presença de Deus? Muito interessante reconhecer que essa indagação se faz a partir da concreta existência do ser humano, como se Deus, presente na vida do Homem, subtraísse parte dessa vida, reduzindo a sua capacidade de autonomia, compreendida pela ciência como conquista das relações únicas entre os Homens. O Homem histórico estaria ameaçado na sua existência dada pela modernidade, caso permitisse a presença de Deus na sua vida. Viveria como ser alienado, contrário à sua própria condição de sujeito histórico. Encontramos presente aqui a força da característica moderna, a autonomia. Anteriormente foi demonstrado, na construção da liberdade cristã, que Deus não anula, muito menos submete o ser humano às suas vontades. Pelo contrário, a presença de Deus liberta o Homem da escravidão de sua história que, muitas vezes, reduz a sua humanidade. É no desvelamento de sua liberdade cristã que o ser humano oportuniza sua capacidade de amar e desenvolver sua humanidade. Mas, deixemos um pouco de lado essa concepção porque já a reconhecemos como realidade possível. Exploraremos a defesa da autonomia do Homem a partir do elemento da alteridade que é reconhecido pela antropologia como constitutivo da estrutura do ser humano.⁷⁶

Acreditamos já não ser possível abrir mão da alteridade como construtora da identidade do ser humano. Na verdade, é parte constitutiva de sua identidade. Na relação com o outro, o Homem emerge na sua estrutura humana, vê-se como ser de existência. É diante do outro que o Homem torna-se reconhecido, portanto identificável. O outro é aquele que nomeia, que traz para fora de si mesmo o nomeado, fazendo-o existir como ser. Essa idéia da nomeação revela a necessidade, não só do reconhecimento do Homem, mas de sua confirmação diante do outro. Eu necessito da confiança do outro para seguir em frente, o outro me coloca em movimento, me fornece a consciência de minha existência. É na confiança demonstrada que esse movimento acontece, de forma dinâmica e dialética, favorecendo uma consciência relacional, em que me percebo existindo a partir do outro e vice-versa. Nasce uma consciência individual, de um reconhecimento pessoal de identidade, e outra social, que promove a construção da liberdade e da identidade desenvolvida no contexto histórico do ser humano.⁷⁷

⁷⁶ GESCHÉ, A., *O Sentido*, pp. 45-50.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 50 passim.

A consciência da identidade construída a partir do outro é o que também possibilita construir a pertença a uma determinada cultura, a uma tradição, que nos faz ser reconhecidos como seres históricos. Isso significa afirmar que a identidade formada na alteridade remete sempre a um outro, terceiro, pois as relações não se esgotam nelas mesmas, necessitam de um alcance maior fora da própria relação imediata. Podemos chegar à reflexão que a construção da identidade cristã assenta-se, como desenvolve Gesché, na antropologia, que vai tratar a alteridade como construtora da autonomia, rejeitando a idéia de alienação.

“Diferentemente ocorre quando o outro se apresenta não como *alienus*, mas como *alter*. Este não se apresenta como adversário, mas como estando face a face, como terceiro, como testemunha. Ele é aquele que me nomeia, identifica, anuncia.”⁷⁸

A alteridade promove uma integração das dimensões do ser humano, tornando-o mais humano, possibilitando-o descobrir-se para além dele mesmo, dispondo-o diante do Outro Terceiro, o Criador. A alteridade, então, se torna reconhecida na sua maior expressão antropológica teológica. Torna-se uma expressão de pleno reconhecimento de si a partir do Outro, assim como da superação de suas limitações. Para o reconhecimento de si e a superação das limitações acontecerem, muitas vezes, precisamos ser nomeados para oficialmente sermos reconhecidos e então, existirmos individual e coletivamente na sociedade. Esse reconhecimento é fundamental na construção da identidade, é o *alteros* que o ser humano necessita para se construir existencialmente. A identidade cristã tem seu terreno próprio na comunhão, que nasce da dinâmica da alteridade. Uma dinâmica que revela a necessidade, que o Homem traz dentro de si, de ser atendido nos seus anseios e desejos. A alteridade, nesse sentido, deve ser afirmada como integração e crescimento do ser humano, uma relação que conduz o ser numa direção mais elevada, possibilitando-o construir sua identidade cristã.⁷⁹

Já podemos afirmar algo em resposta à indagação do Homem em procurar saber se Deus representaria em sua vida uma anulação ou um crescimento. A comunhão, manifestada e vivenciada como expressão natural da alteridade, nos faz acreditar que a presença de Deus junto ao Homem é uma presença emancipatória, de liberdade e crescimento. Se o outro me provoca reconhecimento gratificante, o Outro maior, a quem reconheci a partir do próximo, que me

⁷⁸ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 52.

⁷⁹ *Ibid.*, pp. 52-55.

projetou para além da relação, certamente me provocará um maior envolvimento de integração e descobertas. É a realidade do infinito presente na finitude humana que provoca uma grandeza misteriosa na existência da alma humana. “*Esse outro que se faz hóspede é aquele que, ao receber-me, permite-me receber-me.*”⁸⁰ Diante de Deus o ser humano é reconhecido e apresentado como ser na sua vida. Resta ao cristão encorajar-se diante do outro, disponibilizando-se a desvelar a sua liberdade construída na alteridade intrínseca à própria liberdade. Na superação dos medos, diante de Deus, é possível viver a experiência concreta do inefável, aquele que provoca fascínio e temor, duas realidades que não se excluem, mas revelam o mistério da relação entre Deus e o Homem, uma alteridade de comunhão.⁸¹ É dentro desse dinamismo, o êxodo de si e o encontro com o Outro, que cresce e se promove a possibilidade da realidade da fé. O Homem que rejeita seu próprio êxodo está confinado à sua morte, pois fechado em si mesmo só pode sucumbir à existência. Ao contrário do Homem que fez sua saída e encontrou, diante disso, a razão de sua existência.

“O Terceiro faz explodir a tautologia. Arranca-me de alienação em mim mesmo, que é, talvez, ainda mais pernicioso do que alienação externa. Alienação interna, em que me precipito, afundo-me, perco-me em mim mesmo e por mim mesmo, daí então totalmente perdido.”⁸²

Na citação acima percebemos, talvez, a razão pela qual o Homem não excluiu de vez Deus de suas relações. Porque viu em Deus a radicalidade da autonomia do Homem. Isso o homem cristão vem mostrando na afirmação de sua identidade: Deus é o fundamento de nossa autonomia, do exercício de nossa liberdade, que na alteridade nos faz poder existir. O Gênesis, lembrado pelo autor, descreve essa radical presença da alteridade como fundamento da existência do ser humano, quando Deus afirma que não é bom que o homem esteja só, limitado em si mesmo, muito menos fechado na relação entre si. Dessa forma, em Deus encontramos a nossa salvação comunitária, coletiva, ou seja, a liberdade de não nos perdermos em relações solitárias, sem rumo e sentido para além do próprio grupo. Essa reflexão nos sinaliza pensar sobre as comunidades cristãs, que têm o papel mediador de desvelar a liberdade como perspectiva de garantir e legitimar a

⁸⁰ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 53.

⁸¹ *Ibid.*, pp. 55-59.

⁸² *Ibid.*, p. 59.

presença de Deus na vida dos Homens. Deixemos para o capítulo seguinte essa reflexão que merece maior aprofundamento.

Vimos que, no dinamismo da construção da identidade cristã, o movimento do êxodo, estabelecido no diálogo entre o ser humano e Deus, nos oferece a possibilidade da realidade da fé. Uma realidade que nasce da dinâmica da alteridade. Abordamos anteriormente essa realidade como resposta do Homem ao Deus que convoca e interpela. Resposta que nasce da confiança entre os Homens e dos Homens com Deus. Uma confiança criada nas relações geradas pela necessidade da existência do Homem. O ser humano se faz existir na descoberta de sua liberdade transcendental, calcada na alteridade. O ato da fé encontra-se intimamente presente na dinâmica da alteridade, pois representa, na relação, atitudes de confiança no próprio Homem, que se descobre como sujeito, e no outro, em quem deposita a confiança de se fazer existir como sujeito de fé. Portanto, podemos afirmar com Gesché que “*a alteridade, presente no ato da fé, é constitutiva de nós próprios e de nosso avanço na aventura da existência*”⁸³, de uma existência construída na identidade cristã. O autor explora o desdobramento da palavra fé nas suas dimensões profanas, fora do contexto religioso, para que o leitor compreenda que existe naturalmente uma confiança fundante, que possibilita a sobrevivência dos Homens entre si, caso contrário, implodiriam dentro de seus próprios labirintos. Lembra-nos da passagem de Jesus, que diz: “*aquele que procurar ganhar sua vida, com suas próprias forças, a perderá, e aquele que perdê-la ganhará*” (Lc 17, 33). Aqui entendemos o perder como colocar-se diante do outro disponível, numa mútua relação de confiança. Na verdade, é esse Outro que sustenta as relações entre os Homens, pois, como já foi dito, os Homens, fechados em si mesmos, correriam o risco da contínua projeção pessoal, de um ciclo vicioso sem saídas. Terminariam numa redução e numa perda de suas identidades.⁸⁴

A alteridade tem, nessas condições, sua existência na afirmação de Deus. Afirmar Deus não seria, portanto, nenhum absurdo, compreendendo que o Homem fechado e reduzido à sua própria relação correria o risco de se perder como sujeito criativo, transformador de sua realidade existencial. É Deus que permite, nas relações, a continuidade da alteridade, de não fazer do outro um

⁸³ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 63.

⁸⁴ *Ibid.*, pp. 60-63.

instrumento de manipulação, de projeções pessoais, muitas vezes não conscientes, mas reais. Encontro Nele a alteridade de comunhão, de integração, aquela que oferece a construção de uma identidade cristã possível de ser visibilizada e afirmada socialmente. O outro, próximo, passa a ser mais que essencial e fundamental, também desejado, pois a minha existência necessita de sua presença, de sua visitação, para que o eu possa ser cada vez mais eu nas relações que estabelece com os demais. O outro deixa de ser instrumento ou um acaso na vida da pessoa para se tornar uma necessidade, um bem inesgotável de crescimento da própria identidade e da fé, que se alimenta dessa presença próxima e de Deus. A alteridade só pode ser entendida assim: na comunhão com o outro, que faz de cada ser humano um ser amado e desejado, pelos Homens e por Deus. Somos criados à sua Imagem e Semelhança, o que significa que podemos sempre recorrer a Deus, solicitando auxílio, quando somos ignorados e humilhados em nossa identidade e existência.⁸⁵ Assim define o autor, a partir do Gênesis, quando expressa que toda a grandeza do ser humano vem de Deus e por Ele é garantida, portanto, ninguém tem o direito de retirar do Homem suas capacidades e desejos, aquilo que atesta sua existência, a identidade, mais propriamente a identidade cristã, na nossa perspectiva.

“Tudo o que se move e vive vos servirá de alimento; eu vos dou tudo isto como vos dei a erva verde. Eu pedirei conta de vosso sangue, por causa de vossas almas, a todo animal; e ao homem que matar o seu irmão, pedirei conta da alma do homem. Todo aquele que derramar o sangue humano, terá o seu próprio sangue derramado, porque Deus fez o homem à sua imagem” (Gn 9,3.5-6)

Existe uma dialética presente em toda a compreensão da alteridade: a afirmação que o homem faz de Deus o faz pela autorização dada por Deus, quando, na sua nomeação, o fez existir. O Homem é nomeado para existir e, dessa forma, convocado a continuar, na sua relação, a existir. É na alteridade, portanto, que o ser humano constrói com responsabilidade a sua liberdade, pois, ao se dispor diante do outro, o faz se responsabilizando por si mesmo e pelo outro, a quem deve a construção de sua identidade, e, por último à realização na relação com Deus. Então, podemos entender que a autonomia proclamada pelo Homem tem possibilidade de existir, verdadeiramente, na relação com Deus. Uma construção livre e responsável, que faz seu movimento de saída da heteronomia

⁸⁵ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 54 passim.

para a autonomia.⁸⁶ Assim, com coragem, podemos afirmar sobre Deus que, ao contrário dos que proclamaram a destruição do Homem diante Dele, somos engrandecidos em nossas capacidades humanas, elevados em nossa existência à uma vida digna na liberdade comprometida com o outro, que representa o Homem na sua individualidade e na sua coletividade. Somos chamados a viver em comunhão e não na solidão dos grupos humanos. Essa é a razão da existência da identidade cristã: ser vivida na relação, sempre construída na radical alteridade do Outro, que faz mediação concreta no próximo, o outro imediato.

É a partir dessa radicalidade que queremos acentuar a ação contínua de Deus, nos fazendo existir, ainda como criaturas criadas, dia-a-dia. Reconhecemos no ato da criação o dom da liberdade, que nos colocou no movimento dinâmico da construção da nossa identidade cristã. Deus, ao criar o ser humano, fazendo-o existir, colocou-se diante de sua criação, possibilitando, na alteridade, a relação do seu amor Trinitário. Deus nos colocou no caminho de sua existência, mostrou-nos, através do Filho, como viver esse amor revelado na história dos homens. A resposta do Homem a Deus, na fé, é a resposta a si mesmo como ser humano, pois nos compreendemos a partir de nossa identidade. Deus se revela para confirmar o seu sim à existência do Homem. Deus se faz Homem na história do Homem, efetivando a máxima revelação da alteridade, afirmando-nos “*que a teonomia é o fundamento último da autonomia.*”⁸⁷ Deus se despoja, assume a condição limitada do corpo humano, da dor, do sofrimento, dos desejos, da liberdade condicionada. Mas, no seu serviço ao outro, na sua radical alteridade compreendeu a missão e foi obediente até a morte. Por todo desprendimento em relação ao outro, não foi anulado, mas elevado e lhe foi “*conferido o Nome que está acima de todos os nomes*” (Fl 2,9). Ao Homem foi certificado sua identidade, cristã, pautada na prática do amor-serviço, um amor de gratuidade e disponibilidade, lugar de sentido para a o desenvolvimento da verdadeira autonomia vivida por Jesus Cristo, uma autonomia construída na alteridade da comunhão dos Homens e de Deus.

“O nome que pedia Moisés é dado em sua plenitude, aí onde há ‘abandono’, nessa plenitude ‘abandonada’, da qual nós todos recebemos, (cf. Jo 1,16), pela qual somos e na qual encontramos ‘movimento e ser’(cf. At 17,28).”⁸⁸

⁸⁶ GESCHÉ, A., *O Sentido*, pp. 69-71.

⁸⁷ Ibid., cf. pp. 65-67.

⁸⁸ Ibid., p. 69.

Buscando uma síntese para o tema, podemos recorrer à raiz da identidade cristã, ao Deus que se revelou, esvaziando-se do seu poder divino e preenchendo-se de humanidade. O que representa para o Homem a revelação de um Deus preenchido de humanidade? Um Deus que, ao criar o Homem, concedendo-lhe o dom da liberdade, relacionou-se com ele e, junto com ele, caminhou pelas mesmas estradas humanas, construindo e desvelando a existência da liberdade cristã. Portanto, esse Deus, cristão, não aniquilou o Homem, mas o elevou quando o Pai o elevou após sua morte na cruz. A alteridade pode, portanto, ser dita e proclamada como uma realidade de sentido, onde através do outro e de Deus, o Homem pode desejar e construir o seu destino último voltado para esse Deus, revelado Criador e Salvador. O Deus que, ao criar, salvou-nos da angústia da prisão de nossas almas, da morte diante da ausência da alteridade que nos faz reconhecer no diferente a nossa própria existência.

2.4

O Mal

“Ouvi os gemidos dos filhos de Israel que os egípcios estão oprimindo e lembrei-me da minha aliança” (Ex 6,5)

Tendo já enfrentado o desafio de falar dos elementos fundantes da criação do ser humano, a liberdade e a alteridade, na perspectiva da construção da identidade cristã, abraçaremos, agora, a questão mais inquietante para o Homem e para a racionalidade moderna, o mal. Desejamos, antes do seu desenvolvimento, reafirmar a defesa de Deus como real existência de libertação do ser humano. Esse aspecto teve seu lugar desenvolvido nas páginas anteriores, quando abordamos os sentidos da liberdade e da alteridade como construtoras da existência histórica do Homem a partir da criação de Deus e de sua identidade cristã. A importância dessa afirmação será compreendida no desenrolar do tema, pois falaremos sobre o mal na perspectiva antropológica e da teologia, ou seja, na relação do Homem com Deus, na forma como essa relação se processa na história.

O mal sempre foi uma questão pensada como algo que o próprio Homem não deseja aceitar, sobre o qual está sempre se indagando e buscando respostas. A modernidade se encarregou de acentuar essa busca e de procurar suas respostas a

partir da secularização. E Deus vai ser tratado pelos não crentes como uma possível resposta à questão do mal, indagações que proporcionarão um horizonte de desafios aos crentes que desejam defender sua existência diante de um Deus revelado (histórico). Um Deus que se deparou com os sofrimentos do Homem quando se fez Homem. Portanto, também um sofredor, solidário com aqueles que choram, com os pobres, os perseguidos, com todos acometidos por algum mal. O próprio Jesus, no seu sofrimento, se coloca diante de Deus e indaga o porquê do mal, pedindo pelo seu afastamento.

2.4.1

Diferentes configurações do problema do mal

Gesché fará a abordagem do tema a partir da relação do Homem com Deus, de como foi construída pelos crentes e não crentes essa compreensão da existência do mal na realidade do ser humano. A perspectiva do autor, como sempre tem sido, é aceitar o desafio de colocar a teologia ao lado da razão, utilizando-se dela para não fugir ao desafio de desvelar o autêntico Deus da tradição judaico-cristã. Dessa forma, o autor percorrerá um caminho que nos trará cinco configurações do problema do mal e do Homem em relação a Deus.⁸⁹ A primeira, em que o Homem se dispõe contra Deus, este se evidencia no ateísmo; uma segunda, em que os crentes argumentam a defesa de Deus; uma terceira, em que o mal é colocado como possibilidade de ser algo de preocupação por parte de Deus. Como veremos mais a diante, acusar ou defender Deus, diz o autor, revela uma *“preocupação maior com Deus do que com o mal e com o homem”*⁹⁰, e não traz solução para o Homem. A quarta, em que, a partir da compreensão que o mal seja uma questão para Deus, a legitimidade de, diante Dele, falar e indagar, *“meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?”* (Mt 27, 46). O Homem, então, dialoga com Deus, colocando-se em direta relação com Ele na questão do mal. A quinta configuração, por fim, traz a culminância de que a questão do mal é questão de Deus. Vai ocorrer uma inversão: o Homem, diante de Deus, percebe que a questão é dada pelo próprio Deus. É Deus mesmo que se rebela contra o mal quando percebe essa

⁸⁹ GESCHÉ, A., *O Mal*, cf. pp. 14-34.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 21.

adversidade no caminho da realização do seu plano de salvação. Vê-se, então, a necessidade de se combater o mal como algo que não pertence à sua realidade criada. É Deus que toma a iniciativa desse combate. O Homem assume junto a Deus a luta pela derrota do mal. É o que Gesché denomina, na compreensão desse combate, o mal como questão de Deus.

A argumentação de que há uma responsabilidade de Deus diante do mal é muito comum de ser ouvida, pois é uma acusação simples, mas, pautada na racionalidade e, aparentemente, difícil de ser defendida, porque coloca a reflexão a partir de um Deus fora do Homem, o Deus que os ateus proclamaram tutelar a vida do Homem. Porém, a argumentação favorece a idéia de que Deus está presente no raciocínio, pois acusar ou afirmar a sua não existência nos leva à idéia de que algo só pode ser negado porque se fez existir. Gesché, a partir dessa crítica vai trabalhar a acusação com o raciocínio de que esta é feita a partir de uma idéia de Deus e não da existência de Deus, porque, se assim fosse, haveria uma contradição dentro do próprio ateísmo, que nega a existência de Deus.⁹¹ Mas a reflexão proposta vai mais além do que a imagem que se tenha de Deus na luta pelo entendimento do mal. A grande contribuição desse debate está em aceitar “*o direito do homem de expressar, mesmo de maneira chocante e além dos limites, de maneira ilógica, o escândalo do mal, gritando o mais forte que puder.*”⁹² Esse grito nos consola, pois o Homem se nega a aceitar o mal como realidade. Portanto, é mais um grito de revolta contra o mal do que, na verdade, contra Deus. Um olhar de humildade, atitude necessária ao diálogo com as ciências, faria ao cristão um bem enorme, pois permitiria reconhecer nessa luta, também, as suas próprias lutas e dúvidas. Reconhecemos que seria muito mais fácil falar de Deus sem a realidade do mal, que, além de nos questionar nos interpela para dar respostas que não nos sentimos preparados racionalmente para lidar com esse mistério.

Essa contestação deve, portanto, ser considerada como favorável à nossa percepção cristã de Deus: um Deus que permite o sofrimento não é o Deus cristão. Portanto, gritamos, aliados aos ateus, contra esse mal que destrói o ser humano. O ponto de partida para os não crentes é o mesmo dos cristãos: como falar de Deus diante de uma realidade tão desumana? Podemos, então, afirmar que essa

⁹¹ GESCHÉ, A., *O Mal*, p. 14 passim.

⁹² *Ibid.*, p. 16.

acusação possibilitou, para o crente, o desafio de seguir mais a fundo nessa reflexão, de buscar, autenticamente, uma resposta dada pela teologia. Mais uma possibilidade na defesa da teologia como ciência. A oportunidade de falar sobre algo que foi dito por outro olhar que não o teológico, por isso, enfraquecido em argumentos. E a teologia vai, justamente, ocupar esse lugar, preenchendo o que não foi dito, sob o olhar teológico. Faremos, mais adiante, a teologia falar, sempre na voz de Gesché.

Por outro lado, diante das acusações, uma vasta realidade de defesa de Deus diante do mal aparece como reação às investidas dos ateus contra Deus. É uma defesa válida, mas não suficiente, pois todas as argumentações conhecidas não consideram a responsabilidade de Deus no processo do mal, principalmente quando recorremos àquela sobre o respeito à liberdade que Deus nos dá, por isso a *“permissão da existência do mal”*.⁹³ O autor vai propor uma sincera reflexão sobre esses argumentos, indagando se não contribuem para *“fechar a questão em seu impasse, em vez de abri-la para a esperança que no mesmo instante parecia prometer.”*⁹⁴ Muito interessante essa abordagem, pois nos questiona, como cristãos, a rever os argumentos que recorreremos, sem pensar muito, para defender Deus contra as acusações do mal trazidas pelos não crentes. Muitas vezes, de forma rápida e impensada, refutamos uma idéia que venha do não crente, por se mostrar contrária a Deus, e não nos damos conta de sua contribuição no desvelamento do Deus humano que proclamamos na fé. Como também para defendê-Lo, com muita razão, pois reconhecemos o Deus criador na nossa salvação e não damos conta de que apenas trocamos os lados. Um recusa e o outro defende, mas ambos mantêm, como diz Gesché, Deus fora do Homem, esquecendo de lhe dar o verdadeiro sentido de sua existência. Aqui o mal fica sem nenhuma solução, pois a questão do mal permanece fora de Deus na medida em que a abordagem do mal torna-se uma interrogação sobre Deus. Não há implicação de Deus na questão do mal nessa via de argumentação.

A esperança que essa defesa poderia ter suscitado, como nos fala o autor, ficou fechada em si mesma, sem a possibilidade de se perceber sequer o grito que se ouvia na acusação dos não crentes. Sem dúvida alguma, o cristão fez a defesa de Deus com muita habilidade apologética, mas correu o risco de se limitar à

⁹³ GESCHÉ, A., *O Mal*, p.17 passim.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 18.

própria questão de Deus, como aconteceu, pois, na ansiedade pela defesa, esqueceu-se de recorrer à tradição bíblica, que nos fala de um Deus que ouve o grito de seu povo. A citação do livro do Êxodo, feita no início desse tema, nos relata o desespero do povo que, ao sentir-se abandonado por Deus, clama por sua intervenção. E Deus não somente ouve como responde ao clamor do povo.

“O discurso sobre Deus e o mal não pode impedir o grito que o homem dirige a Deus, manifestando, aliás, maior confiança do que talvez demonstre aquele que quer muito depressa sufocar o clamor.”⁹⁵

Reconhecemos que na defesa de Deus contra o mal fica a desejar um aprofundamento do envolvimento de Deus na questão. Voltamos ao dilema: se acusar seria mais fácil ou defender mais difícil, diante da realidade dessacralizada do mundo contemporâneo? Não há intenção em responder a essa indagação, apenas de reconhecer que o mundo hodierno, colocando Deus à margem do Homem, colocou-o à margem de seus problemas, configurando uma idéia extrínseca da relação do Homem com Deus. Parece contraditório afirmar que, mesmo sem Deus, o Homem continuou com Deus, porque nunca deixou de se questionar como Homem na relação com Deus quando, por exemplo, continuou buscando respostas às questões incompreensíveis, como o próprio mal. Na verdade, falou-se mais de Deus do que do próprio Homem durante a tentativa de esclarecer o mal. Mesmo os cristãos, quando abordavam a defesa de Deus, falavam de Deus e não deles com Deus, do Deus para o Homem como se encontra na narrativa da tradição judaico-cristã. Diz Gesché que o Homem expressou mais o Deus em si (Deus da filosofia) do que o Deus para nós (Deus da fé). O autor provoca uma radical reflexão quando convoca o crente a pensar em Deus crendo e não num Deus não crendo. Isso significa colocar todas as questões humanas dentro de Deus, compreender que falamos de nossa humanidade quando queremos falar de nossas questões com Deus.⁹⁶ É permitir que a alteridade, já tão trabalhada, seja plenamente exercitada na liberdade cristã. Só a partir dela podemos nos fazer livres para lutar contra toda escravidão, principalmente a do mal, que nos esvazia de forças e esperanças. Na alteridade, na relação com o Tu, Deus, passa a ser incluído no problema do mal. Deus mesmo não buscou se excluir dos nossos problemas, pois, ao se revelar como homem, assumiu a limitação de sua condição

⁹⁵ GESCHÉ, A., *O Mal*, p. 20.

⁹⁶ *Ibid.*, pp. 20-23.

humana, do sofrimento e do mal. Foi humilhado e viveu a realidade da morte, descendo à mansão dos mortos. Deus, como diz o autor, “*não procurou ser poupado*”.⁹⁷

Compreendendo o mal vinculado a Deus, a teologia dá um passo a mais na sua afirmação junto às demais ciências, pois envolve o Homem numa relação intrínseca com Deus, tratando o tema a partir do enfoque antropológico da teologia. Destaca, no debate sobre o mal, a presença do Homem e de Deus numa contínua relação de salvação. A teologia deve explicitar a preocupação de Deus com os problemas do Homem, um Deus que, na perspectiva da fé cristã, nunca abandonou sua criação, pelo contrário, salvando permanece criando e possibilitando ao Homem criar na sua existência. Essa compreensão exige reconhecer um Deus histórico, por isso, preocupado com os problemas do Homem. Um Deus que, ao criar, desfatalizou a história, pois concedeu ao ser humano todas as condições para recriar a criação, o que significa colaborar na sua salvação.

Ainda pensando em Deus na relação do mal com o Homem, Gesché vai continuar a exigir um mergulho mais profundo: sabendo que Deus se coloca dentro da questão, como o Homem pode e deve se colocar diante de Deus?

Primeiramente, a atitude de falar, de poder, diante de Deus, expressar o que lhe aflige, já traduz uma nova relação. O Homem fala dele, de seus problemas, reconhecendo como sendo um problema também de Deus, diferentemente do ateu, que também colocava o problema em Deus, mas sem o diálogo, dirigindo-se a Deus numa relação de fora do processo, como se Deus não pertencesse à realidade do homem. Essa é uma grande diferença para os cristãos que continuaram sua busca em compreender o mal com Deus. Afinal, não teríamos muita saída, pois o mundo atual exige respostas e os cristãos não podem se ausentar dessa responsabilidade histórica diante de Deus, sob o risco de serem infiéis ao projeto salvífico de Deus.⁹⁸ Então, é preciso gritar, junto com os não crentes, contra o mal, mas crendo em Deus, provocando e ocupando o debate necessário para a teologia atuar no seu lugar próprio. Como diz Gesché, “*essa lógica do crente poderia, aliás, ter um alcance incalculável no debate com os ateus.*”⁹⁹ Muitas vezes nos recolhemos diante da racionalidade dos ateus. É necessário ousar

⁹⁷ GESCHÉ, A., *O Mal*, cf. p. 22.

⁹⁸ Ibid., pp. 25-28.

⁹⁹ Ibid., p. 27.

aceitando o desafio da razão, que, em última instância, é sustentada por Deus. Portanto, não há o que temer. Reconhecendo a profundidade desse compromisso, o autor nos alerta a tomar o devido cuidado para que não ouçamos da parte de Deus o “por que você me abandonou?” Dessa forma, chegamos ao desfecho da busca de compreender a questão do mal no processo da relação do Homem com Deus.¹⁰⁰

O cristão, ao dialogar com Deus sobre o mal, ao poder gritar e lutar, se depara com uma extraordinária situação teológica: antes dele mesmo, a primeira preocupação em combater o mal é de Deus. A realidade da fé se dá plenamente nessa compreensão, há uma integração ativa entre a vida do Homem e Deus. Aqui a teologia tem o seu lugar para preencher o vazio deixado na argumentação dos ateus contra Deus. É necessário e urgente que seja assumido esse lugar, a teológica, a lógica da fé, pois assim criamos a oportunidade para avançar no debate com as ciências.

A tradição judaico-cristã atesta que a primeira preocupação com o mal veio da parte de Deus. Algumas passagens bíblicas poderiam confirmar a reação de Deus e até a sua indignação diante do mal, quando expressa sua aflição com a maldade existente na sua criação (Gn 6, 6-7). Das citações bíblicas podemos trazer como evidenciadora dessa realidade o grito de Jesus na cruz e a descida à mansão dos mortos. O Filho de Deus grita por nós e conosco, diante de Deus e, no confronto com esse mal, na luta contra o mal, Deus se manifesta, na Ressurreição, vitorioso diante da morte. “*A questão do homem torna-se uma questão que pode muito bem ser chamada de divina*”.¹⁰¹ A compreensão dessa perspectiva teológica só é possível dentro de uma experiência de fé. O cristão deve caminhar para assumir seu crescimento de fé, aceitando os desafios da razão, que lhe são impostos pelas necessidades de justificar e defender sua existência cristã. Portanto, a questão do mal não pode ser considerada, nessa perspectiva, como algo simples. Exige seriedade e fidelidade ao projeto de Deus. É reconhecer o projeto de criação de Deus como projeto de salvação da criação. Não existem duas realidades, a histórica e a de Deus, a realidade é única e integrada, feita por Deus e para Deus. Dessa forma, podemos afirmar, com o autor, “*que é a minha luta que Deus trava*

¹⁰⁰ GESCHÉ, A., *O Mal*, pp. 24-26.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 31.

e é a luta de Deus que eu travo".¹⁰² O Deus do cristão é um Deus que o Homem conheceu na luta de sua história. Portanto, um Deus que nunca se ausentou dos conflitos humanos. Pelo contrário, lutou com o Homem e abriu caminhos na superação do mal. Junto com os Homens tornou-se vítima do mal, mas venceu e trouxe a certeza e a esperança de que é possível a destruição do mal.

Buscando finalizar este item, seria coerente reforçar a importância do aprofundamento dessa perspectiva, pois percebemos que todas as questões pertinentes ao Homem são, em última instância, questões de Deus. Portanto, todos os nossos apelos podem e devem se dirigir a Deus. A teologia deve sustentar, antes de tudo, essa defesa de Deus em relação ao Homem, antes mesmo do próprio Homem tomar para si a defesa de seus problemas. Nesse sentido, Gesché reforça a oração como uma ação que deve ser pedida, pois é inspiradora para a teologia. "*A oração é uma con-fiança, o pedido para que a desgraça seja compartilhada*".¹⁰³

2.4.2

Possibilidades de solução para o problema do mal

Após as diferentes abordagens que o autor propôs para pensar sobre o mal, reconhecemos que o grande salto não foi em dar solução para o mal, pois este permaneceu sem resposta. Não há como, racionalmente, responder ao mal, porque este pertence ao campo da irracionalidade. Mas é possível tentar pensá-lo na perspectiva teológica, a partir de Deus, do Deus cristão. Sem querer limitar a reflexão à idéia da justificação da liberdade permitida, a "*teoria da permissão do mal*",¹⁰⁴ Gesché buscou caminhar na direção de um pensamento mais profundo, colocando a questão em Deus. Uma tentativa de fazer a teologia ocupar o seu lugar, o que vem sempre sendo sinalizado no seu pensamento, oferecer um instrumento aos crentes que os torne reconhecidos e legitimados junto às ciências. Por exemplo, no aspecto antropológico, pensar o mal teologicamente trouxe uma rica contribuição: o Homem reconhecer que não está sozinho no combate contra o

¹⁰² GESCHÉ, A., *O Mal*, p. 33.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 33.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 34.

mal, não correndo o risco de cair nas armadilhas de uma culpa sem fim, podendo dividir com Deus o peso da existência do mal.

Na verdade, o autor propõe que o Deus salvador possa ser compreendido não apenas a partir do tratado da Cristologia, que aborda a relação de Deus com o mal através do comportamento visível de Jesus Cristo na história. “*É preciso fazer isso desde o início e situar esse movimento em Deus como pertencente desde sempre e ontologicamente à sua definição*”.¹⁰⁵ É compreender a salvação como realidade absoluta de Deus, não havendo nenhuma possibilidade de algo no mundo não ser alcançado pela ação salvadora de Deus. Isso significa que a teologia, para enfrentar o mal, necessita afirmar Deus, pois é em Deus, seu objeto de existência, que pode ser compreendido e combatido radicalmente a existência do mal, tão irracional à nossa racionalidade.

Esta é a proposta de Gesché para esse tema: pensar teologicamente sobre o mal. Esse será o caminho que seguiremos, acompanhados pelo autor. Primeiro abordando o teológico e, depois, pensando de que forma a doutrina do pecado original contribuiu para a culpabilidade do mal, atribuída ao Homem do ocidente, mas também a verdade libertadora contida na narrativa bíblica do pecado.

Seguiremos, então, a idéia-chave do autor de pensar o mal dentro de uma visão mais teológica, o que requer compreender o mal como uma questão de Deus. Ocupar a teologia com esse tema traz, como já dito, um novo olhar, o da lógica da fé, para algo considerado diante do mundo como inexplicável, irracional, portanto injustificável. Vimos o quanto foi motivo de busca para compreender o mal recorrer a acusações e defesas de Deus. Nesse momento a teologia toma para si o desafio de enfrentar o mal como um enigma, dado como realidade presente.

O trabalho desenvolverá uma trajetória que possa oferecer ao leitor uma compreensão crescente dos elementos que se encontram envolvidos no tema do mal. Logo de início, nos deparamos com a “*surpresa de Deus diante do mal*”¹⁰⁶, como nos diz Gesché. Uma surpresa que confirma a idéia do mal não pertencer aos planos de Deus. A tentativa do autor é trabalhar o aspecto da surpresa como uma leitura do não-dito da narrativa, mas presente por outros ditos. Não há uma preocupação em descrever as soluções já dadas sobre o texto, mas sim em se ater a um primeiro sentido, provocado pelo texto diante do contexto da própria

¹⁰⁵ GESCHÉ, A., *O Mal*, p. 39.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 43.

narrativa. E o mal se encontra como algo não previsto, porém vindo de algum lugar, desconhecido ou não, fazendo-se presente como um fato. Aqui temos o primeiro deslocamento que o autor sinaliza como mudança de paradigma para o enfrentamento do mal: estando fora do plano da criação, o mal não se encontra nem do lado de Deus e nem do Homem.¹⁰⁷ “*O Senhor disse à mulher: ‘por que fizeste isso?’ – ‘A serpente enganou-me, – respondeu ela – e eu comi’.*” (Gn 3, 13)

Essa reflexão, a partir da narrativa bíblica, já nos deve provocar uma visão transformadora sobre a existência do mal. Toca-nos de modo muito especial a proposta do autor em desvincular o mal da natureza humana e acentuar a perplexidade de Deus diante dele, quando docemente faz a indagação a Eva sobre o que havia feito. A culpabilidade, a responsabilidade e a liberdade, presentes na doutrina do pecado original, e muito conhecidos pela maneira que foram trabalhados na história do cristianismo, às vezes de forma absolutizadas, serão tratados dentro dessa nova visão teológica com novos deslocamentos, essenciais para o enfrentamento teológico do mal.

Este primeiro e importante deslocamento, que se encontra no fato de o mal ser considerado fora da criação, mobiliza Deus e o Homem a procurarem saída para esse combate, pois existe a responsabilidade de salvar a situação e a pessoa do enredamento do mal. Não há uma culpabilização direta, porque, se houvesse, o mal não estaria fora do Homem, como reflete o autor. É esse entendimento que colabora para ativar a reação do Homem contra o mal. É o que Gesché chama de responsabilidade ativa. A possibilidade do Homem não ser julgado e culpado prematuramente ajuda a compreender a raiz da salvação no plano de Deus: ajudar a vítima e não acusar, de forma tão rápida, a ponto de condená-la, sem possibilidade de sua salvação. Veremos mais à frente, que existe sim um consentimento que torna o Homem responsável pelo ato, o que permitiu ser compreendido como uma culpabilização de fato, e que não é de todo ruim, mas corremos o risco de, ao absolutizar o culpado na condenação, retirar do Homem a possibilidade de reagir e de ser salvo. Na verdade, a culpa foi um recurso para a tentativa de explicar uma situação inexplicável, muito mais fácil, como diz Gesché, do que aceitar o elemento da surpresa do fato, que é um elemento teológico. Sabemos que receber a absoluta culpa pelo mal poderia provocar no

¹⁰⁷ GESCHÉ, A., *O Mal*, pp. 42-44.

Homem uma reação desanimadora, passiva, de enfraquecimento. Nesse caso, teríamos o Homem derrotado pelo mal, subjugado e condenado a uma subjetividade fechada.¹⁰⁸

Se o mal é reconhecido como uma surpresa, a teologia vai enfrentá-lo no campo da irracionalidade, ou seja, da idéia de que teve uma origem, que não vem de Deus, mas de um outro lugar, fora da ação criadora de Deus, por isso impossível de ser racionalmente justificável. Esse mal desvia o Homem da origem do destino para o qual foi criado: Deus. Dessa forma, podemos abordar o mal como um desvio de destino, uma desorientação do ser humano. Gesché define essa realidade como demoníaca, um termo nomeado teologicamente como mal, sendo dito como tal para designar o estatuto do mal, uma ordem que não abarca racionalidade alguma e nem apologias, por isso afeta o sentido dado ao Homem na sua criação. Afeta, no entanto, diretamente o destino do Homem. “*Essa qualificação inaugural do mal não é simplesmente de ordem ética, mas de ordem de destino.*”¹⁰⁹

Ainda dentro desse aspecto do mal, como algo não constitutivo do ser humano, podemos abordar a importância que foi dada, na cultura do ocidente, em se preocupar muito mais em encontrar culpados do que atender às vítimas. Gesché relembra que o Evangelho traz a preocupação muito maior com a vítima do que com o culpado. Essa leitura foi muito acentuada, com certeza, como forma de racionalizar o incompreendido, pois encontrar um culpado amenizava a irracionalidade do mal e, aparentemente, facilitava o seu enfrentamento. A teologia, sob este novo olhar, convida a deslocar a preocupação acentuada pelo culpado para o lugar da vítima como possibilidade de salvação. Como trata o autor, a preocupação deve ser com a derrota do mal, mais do que com a condenação. Não que esta não seja uma mediação para a salvação, mas que não representa o lugar absoluto da luta contra o mal. Assim fez Jesus quando atuou, devolvendo à Samaritana à sua dignidade de vida. A sua vida havia sido atingida, na sua existência, pelo mal. Objetivamente o seu destino estava comprometido. Jesus, sem se preocupar com a culpa, oferece a salvação, destruindo o mal com a única força capaz de derrotá-lo: o amor de Deus. Se fizermos uma leitura do Evangelho, perceberemos nas atitudes de Jesus esse ensinamento, inclusive nas

¹⁰⁸ GESCHÉ, A., *O Mal*, pp. 43-46.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 49.

Bem-aventuranças, onde proclamou o sentido do Reino de Deus. A preocupação é com a realidade objetiva do mal, que pode estar alojado na pessoa ou na condição social e econômica da sociedade, mas em qualquer dos casos é lá que se encontram as vítimas.¹¹⁰

Reconhecemos no mal um fato objetivo, que não sendo parte da criação, também não é parte constitutiva do ser humano. Mas identificamos, a partir do mal, o pecado, que tem seu lugar no consentimento do Homem à ação efetiva do mal. O pecado nasce do consentimento do mal, da tentação que caracteriza a fragilidade humana. Uma fragilidade que deve ser considerada com muito carinho para que o ser humano tenha consciência de sua vulnerabilidade diante da realidade do mundo. É nessa fraqueza humana que o mal se aloja e se transfigura na aparência do belo, capaz de seduzir e comprometer o Homem. O cuidado se deve, principalmente, porque o resultado do pecado é mais reconhecido nas conseqüências objetivas do que naquela “subjetividade inicial” descrita na narrativa bíblica sobre o pecado original.¹¹¹ Gesché aborda o tema com profundidade quando se trata de defender o ser humano e dar à teologia a oportunidade de se pronunciar. O autor destaca que a culpabilidade não vem na origem primeira do ato do Homem, ou seja, ao Homem cabe, sim, a culpa, mais pelo consentir do que ter originado esse mal. A protocolpabilidade, diz o autor, pertence à serpente.

“Há deuteroculpabilidade que consiste, naquele que foi surpreendido, vítima (da tentação), em ter consentido no mal, em ter aceito que essa ‘ordem’ demoníaca tomem o lugar da ordem divina. O que é certamente grave (e sobretudo em seus resultados), mas que mostra que o pecado não é uma perversidade verdadeiramente imanente ao homem.”¹¹²

Podemos, então, confirmar, na perspectiva de Gesché, que o Homem não criou o mal, mas consentiu a realização do mal, permitiu a realidade do pecado. Isso é muito importante, pois essa culpa o Homem pode carregar sem, contudo, tomá-la como absoluta, pois reconhece sua responsabilidade no momento do seu consentimento. Mais. Podendo reconhecer o pecado e a sua culpa como um segundo momento da realidade do mal, ele tem a possibilidade de lutar de frente contra o mal. O mal se encontra à frente e não dentro dele. Isso permite o combate ao mal e o perdão do mal cometido. Nessa perspectiva, a salvação volta a ter seu

¹¹⁰ GESCHÉ, A., *O Mal*, p. 49 passim.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 50.

¹¹² *Ibid.*, p. 51.

sentido absoluto na vida do Homem, pois lhe devolve a possibilidade de se abrir em direção ao próximo e ao Terceiro, retomando, dessa forma, a destinação última de sua vida, desviada com o pecado. O Homem, na verdade, volta a viver o exercício de sua liberdade. Ele é libertado das correntes de seus próprios pecados. O Homem, criado para a liberdade, ficou condicionado pelo seu pecado. Por isso precisa da libertação para o pleno exercício dessa liberdade.

A fragilidade do ser humano permite compreender a ação sedutora do mal e evidencia, sem dúvida, a existência de uma relativa culpabilidade do Homem em relação ao mal. Toda sedução leva ao estranhamento do próprio Homem. A sedução arranca do Homem a possibilidade de construir seus próprios desejos, introjetando-lhe um desejo que não lhe pertence, o do outro, o que Gesché vai denominar de alienação inconsciente.¹¹³ Aqui se instala a raiz do mal, imperceptível aos olhos do Homem, que desorienta seu caminho, provocando o desvio de destinação. A Bíblia denomina esse mal que arranca o Homem do seu destino como a sedução, o pai da mentira, como nos fala o evangelho de João.

“Vós tendes como pai o demônio, e quereis fazer os desejos de vosso pai. Ele era homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele. Quando diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.” (Jo 8,44)

Essa realidade da tentação e da sedução não deve retirar do Homem a culpabilização do ato, pois o seu consentimento fez dessa realidade a existência do mal. Deve, portanto, servir para amenizar a absolutização da culpa e permitir uma luta mais transparente contra o mal.

Falamos já que a teologia, a partir da leitura judaico-cristã, reforça e defende a salvação das vítimas mais do que uma absolutização da acusação do culpado. Isso não significa que essa leitura abdique de uma mediação legítima de responsabilidade do culpado pelo mal que causou. Mas reforçamos a idéia central de Gesché, para quem o primeiro movimento deve se dirigir às vítimas, inclusive ao culpado, também vítima de sua própria realidade, condenada, no contexto, ao rompimento de sua destinação. No capítulo seguinte teremos a oportunidade de abordar esse tema, com suas conseqüências práticas na vida do cristão e da Igreja, sempre na leitura do ser humano de Gesché e da teologia, que propõe pensar Deus hoje.

¹¹³ GESCHÉ, A., *O Mal*, p. 55 passim.

Seguindo na reflexão do autor, assumindo para si a questão do mal, a teologia trabalhou, primeiramente, no desvelamento da surpresa de Deus diante do mal. Ainda com o apoio da narrativa bíblica, que permitiu reconhecer a perplexidade de Deus com o mal, nos orientaremos para um enfrentamento mais decisivo da elaboração dessa luta com o mistério do mal: trata-se do depoimento do próprio Deus contra o mal. Nesse caso, a teologia torna-se instrumento fundamental na estruturação do pensamento de Gesché. Inicialmente, a necessidade de desfazer o entendimento da questão do mal a partir da sua moralização para, a seguir, colocar o mal, mistério, dentro da sistemática da teologia. Ou seja, dar-lhe o lugar que lhe cabe para o mal ser assumido como tema da teologia dogmática.

O mal, ao ser desenvolvido no seu aspecto de culpabilização, trouxe conseqüências positivas e negativas à realidade do Homem. Sem dúvida, quando associada ao aspecto da responsabilidade, define a riqueza do entendimento da criação de um Deus que desfataliza a história do Homem. O Homem é capacitado a transformar a criação salvífica de Deus, reagindo a tudo que é contrário à salvação. Ou seja, quando há culpabilização relacionada à responsabilidade há possibilidade de reação. Essa reação é positiva, pois cria, também, condições de desfatalizar a presença do mal. Seria o agir não moralizante do mal, aquele que permite enxergar o problema do mal como destinação mais do que na ordem moral. Na perspectiva do autor, não há dúvida da importância da abordagem moral do mal, pois deu ao Homem possibilidades de descobrir-se em processo de transformação, sujeito atuante e construtor de sua existência. O risco é quando a moral se transforma em moralismos de culpabilidade, culpabilização e justificação, que são moralizações exclusivas, portanto não colaboram para superação do mal.¹¹⁴

O mal não se limita à intenção de realizá-lo como ato. Ele, quando se torna concreto, extrapola seus próprios limites, provocando resultados que fogem do alcance do Homem, tornando-o independente da ação direta do próprio Homem. É o caso do mal desgraça, do mal trágico. É o mal em processo de encadeamento do próprio mal. Por isso, um aspecto negativo seria, como diz Gesché, “*pensar que a culpabilidade ocupa todo lugar do mal*”.¹¹⁵ Isso nos conduziria a conceber uma

¹¹⁴ GESCHÉ, A., *O Mal*, pp. 59-63.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 59.

visão moralizante sobre o mal. Na perspectiva do autor, podemos conceber a responsabilidade sobre o mal de forma indireta, retirando, então, essa abordagem moralizante de culpabilidade que imobiliza, muitas vezes, a luta contra o mal. Sabemos, porém, que essa visão pertence à tradição da teologia. Talvez, por isso, a facilidade de propor sua integração à teologia dogmática. Essa atitude da responsabilidade sobre o mal, mesmo não atuando como agente direto, culpado ou vítima, possibilita ao Homem de fé desenvolver uma nova relação entre os Homens, de solidariedade, e contribuir no debate sobre o mal, testemunhando sua luta contra essa misteriosa força que desfigura o ser humano diante de Deus.

Um segundo aspecto negativo se encontra em outro extremo, o de se perceber com excessiva culpa diante do mal, o que conduziria a um imobilismo fatal. O Homem, diante da acusação e da consciência pesada pela culpa, não encontraria sustância na luta contra o mal. Facilmente se entregaria à sua derrota, dando a vitória à perpetuação do mal. Essa atitude moralista torna-se um agravante quando procuramos o culpado dentro de nós mesmos. O autor, na sua aguda reflexão, exige que reconheçamos o peso escravizante destruidor da culpa na vida do Homem. É destruidora de sentidos. O ocidente, na tradição religiosa, pautou essa realidade na busca pelos culpados, e vimos as conseqüências dessa acentuada culpabilidade.¹¹⁶ Agora, a teologia oferece ao cristão uma revisão no foco de sua abordagem: recuperar, a partir da narrativa bíblica, o acento na vítima. Mais, des-moralizar o mal, concebendo-lhe como um problema objetivo, de destinação. Fugir do peso da tradição que permitiu ao Homem responsabilizar-se de forma absoluta por sua culpa diante do mal.¹¹⁷ Gesché nos lembra que a moral sexual sofreu graves distorções e rendeu acusações aos cristãos pela forma obsessiva com que fora abordado na história da Igreja. Lembra o risco de outro extremo atual, a obsessão pela justiça diante dos sofrimentos deixados pela guerra, assim como pela exclusão de um sistema global. Toda mediação é fundamental na busca pela superação do mal. O problema está em não reduzir o mal à culpabilização absoluta, pois, como já foi dito, esvazia a força da luta contra o mal, destrói esperanças e imobiliza a libertação do Homem na sua salvação.

Uma última abordagem negativa é a tentativa de justificar o mal inexplicável, o mal desgraça, aquele que não se encontra razão porque não é

¹¹⁶ GESCHÉ, A., *O Mal*, p. 61.

¹¹⁷ *Ibid.*, pp. 59-61.

culpável para se fazer entendido. A teologia tratou como o mal de castigo. Na verdade essa abordagem dificulta bastante, na perspectiva de Gesché, a luta contra o mal, pois estabelece uma passividade do Homem diante da realidade, assim como colabora na construção de uma mentalidade fatalista, de um ato de justiça divina. O que pretende o autor é tratar a desmoralização do mal dentro do seu lugar próprio: “*situá-la de forma correta, não a colocando como único lugar da tragédia e da estratégia do mal*”.¹¹⁸

Compreendemos, então, a proposta do autor em reintegrar o mal na teologia dogmática, a partir da superação da visão limitada do mal e do pecado como problemas de consciência. Reconhecemos que a teologia não deixou de lado o pecado da rejeição a Deus como uma questão de destinação do Homem, apenas se ocupou com a moral de forma acentuada. Dessa forma, toda apresentação da relação de Deus com o Homem ficou comprometida moralmente: o Homem, no aspecto moralizante do pecado e do mal diante de sua consciência carregada pela culpa; e Deus, desconhecido para o Homem diante da luta contra o mal. Reconduzimos, então, a questão do mal ao lugar pretendido por Gesché, ao trazer Deus para a questão. Tratar o mal inserido na teologia dogmática numa nova relação entre Deus e o Homem.

O deslocamento é proposto a partir do esforço de desmoralizar o mal para reintegrá-lo na dogmática.¹¹⁹ Esse esforço permite algumas boas reflexões sobre o tema. Primeiramente, em superar a ofensa a Deus no discurso da justificação, colocando Deus mesmo dentro da luta contra o mal. Deus rejeita e repugna o mal e, na sua oferta de amor e salvação, assume a centralidade diante da criação no combate pela destruição do mal. Deus coloca-se como radical adversário do mal. Também, em segundo lugar, Deus, ao agir na sua e em nossa defesa, nos mostra a figura irracional e temível do mal, o demônio, aquele que seduz e desvia o Homem do seu destino, aquele que permite ao Homem reconhecer uma culpa parcial, quando permite sua ação, e não absoluta. A figura do mal, portanto, não pertence ao Homem e muito menos a Deus, pois algo tão demoníaco não faz parte da criação salvífica de Deus. É fundamental insistir nessa afirmação, pois é isso que nos cria condição do combate, da reação, de identificar e nomear o mal colocando-o como extrínseco à realidade criada.

¹¹⁸ GESCHÉ, A., *O Mal*, p. 63.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 69 *passim*.

Gesché nos lembra que na tradição judaico-cristã o demônio sedutor utiliza um recurso que possibilita reconhecer o mal como algo objetivo e não meramente subjetivo, corroborando a idéia da responsabilidade e não da culpabilidade absoluta do Homem. O demônio se prevalece da promessa do Deus cristão em partilhar com o Homem a vida divina. Na criação, o Homem foi feito à sua Imagem e Semelhança, uma promessa já oferecida. Gesché destaca justamente a malícia do demônio, por isso mesmo perverso, em oferecer um outro caminho, o do mal, da sedução, o pecado, para chegar até Deus.¹²⁰ A narrativa deixa claro, na dúvida proclamada pela serpente, que Deus não cumpriria o prometido. Provoca, seduzindo e gerando a incerteza, de que o caminho possível e seguro é o desejo do Homem. Na verdade, não o do Homem, mas o da serpente, que introduz o seu desejo no Homem, tornando-o um desejo alienado, por isso mesmo, inconsciente. Como diz o autor, “...de nos fazer crer que o pecado é o meio de ter acesso ao bem. É exatamente assim que o pecado nos faz mal, ele nos afasta de nossas metas.”¹²¹ Por isso, o mal desvia o Homem do seu destino, seduz a um caminho diferente do proposto por Deus.

Nessa perspectiva, o mal dogmatizado pela teologia permite vê-lo em toda sua dimensão e alcance, o que significa afirmar que não há limite na atuação do mal. Torna-se elemento estruturante da realidade histórica. Ou seja, abrange o pessoal, o social, o econômico, enfim a existência do Homem. Diz Gesché, com muita convicção, que a justiça passa a ser um imperativo na luta contra todas as injustiças, uma necessidade da libertação do pecado que aliena o Homem de sua condição real humano-divina. O mal entrou como erro de destinação do Homem, de sua vocação. Essa é a contribuição que a teologia deu ao recolocar o mal dentro da dogmática, pois deu oportunidade de percebê-lo na raiz do contra-destino do Homem, assim como reconhecer em Deus o primeiro aliado na luta pela libertação do Homem, acolhendo a salvação oferecida por Ele. Diante disso, o cristão tem o compromisso de desmascarar essa realidade, rejeitando a leitura moralista do mal e a mera atitude sentimentalista diante da salvação. A salvação requer uma profunda e sincera análise da origem e repercussão do mal a partir da teologia. A salvação acontece na mediação dessa história, enredada pelo amor de Deus e da ação diabólica do mal. A luta parte do amor de Deus contra o mal. Portanto,

¹²⁰ GESCHÉ, A., *O Mal*, pp. 65-67.

¹²¹ *Ibid.*, p. 68.

compreender o amor como constitutivo da existência do Homem na construção de sua relação histórica e do seu destino.¹²² Ser humano, alma, corpo e destino devem pertencer a uma única realidade de existência na luta contra o mal. Dessa forma, qualquer mal que desvia o Homem de seu destino divino deve ser combatido, pois, mais do que algo moral, torna-se, como diz Gesché, um erro de destinação. Daí, a compreensão do termo perdição, que traz a idéia central da falta de rumo, onde o Homem, sem saída, cai nas armadilhas de uma existência reducionista, por isso fechada no próprio indivíduo. Nessa realidade, o mal faz habitação e estende seus tentáculos na estrutura social. Essa é a razão da necessidade urgente da luta contra o mal por mediações, como a justiça, que tem alcance nas estruturas da sociedade. A justiça e a caridade são dois elementos destacados por Gesché para mediar a luta contra o mal.

Procurando cada vez mais compreender a perspectiva cristã como caminho no enfrentamento e na superação do mal, indicaremos definitivamente a relação teológica estabelecida entre a salvação e o mal como realidade dada existencialmente. Vimos que o mal age como perdição do ser humano, o que conduz às conseqüências de uma realidade existencial limitada. Podemos afirmar, então, que o mal, nessa perspectiva, tem alcance existencial, ou seja, configura-se de forma pessoal, apesar de surgir como realidade misteriosa, sem lugar real, sem imanência, como afirma o autor. Sendo o mal uma realidade desordenada, destruidora de sentidos, há a necessidade, então, na lógica da teologia, de uma outra realidade para além do Homem, contrária à desorientação produzida pelo mal. Uma realidade que o oriente para além de si mesmo, para horizontes maiores, sentido o último de sua razão existencial. Nesse sentido, o autor fala de uma alteridade, um Outro capaz do enfrentamento: Deus. Aqui definimos a presença da teologia, capaz de falar de uma ação concreta de salvação.¹²³ O mal configurando-se na existência, utilizando-se de mediações para agir, molda uma concepção pessoal de sua ação. É a salvação que fala e exige da pessoa atos, comprometimento criativo com a vida, transformador de sentido. Por isso a teologia apresenta a salvação como única resposta de combate ao mal. Só a salvação proposta por Cristo foi capaz de destruir o mal e dar ao Homem a sustentação para sua luta pessoal e social contra a configuração desse mistério.

¹²² Ibid., pp. 68-70.

¹²³ GESCHÉ, A., *O Mal*, pp. 75-78.

Gesché dá a oportunidade aos crentes de explicitar com segurança que Deus luta, impede que o mal saia vitorioso da realidade que o fez. Ao contrário da afirmação dos não crentes, de que o mal representa uma objeção à realidade de Deus, é Deus que faz barreira, objeção visível ao mal. Em Jesus Cristo Ressuscitado, Deus derrotou e fortaleceu o Homem na sua luta contra o mal.¹²⁴

“Somente esse Ab-soluto é de tal modo (completamente) inocente, isto é, desligado de toda cumplicidade, para poder vencer o mal. Talvez seja esse um dos sentidos profundos, ao lado de outros, é claro, do dogma de Cristo sem pecado. Essa exceção antropológica da cristologia não depende apenas de uma verdade hipostática e ontológica. Ela não possui todo o seu sentido se não houver o aspecto soteriológico. É por não ter nenhuma parte com o mal que Cristo pode assim, suportar e tirar esse peso do mundo. Não é precisamente por não ter pecado que ele pode, segundo São Paulo, ‘ser feito pecado por causa de nós’, tornar-se ele próprio maldição por nós”.¹²⁵

Como o texto afirma, somente Deus seria capaz de derrotar o mal, porque no Filho, feito homem histórico, pôde encarar e enfrentar esse mistério personalizado no mal na história humana. Jesus, Deus pleno e homem pleno, sem pecado, se faz pecado na luta contra o mal, deixando-nos o único caminho possível para vencer a morte, a sua ação salvadora. O crente encontra na teologia o fundamento do debate para defender sua fé em um Deus Salvador-Criador e afirmar concretamente o significado central de sua fé: Jesus Cristo morreu para salvar o Homem do pecado. Dessa forma, podemos falar com segurança do sentido da responsabilidade e da liberdade construídas na história da existência do Homem, porque é na ação concreta que Jesus propõe que o Homem possa se reconhecer responsável e livre para dar sentido à sua existência. Vimos no primeiro capítulo a abordagem antropológico-teológica que Gesché desenvolve para falar do ser humano. É nessa perspectiva do Homem, criado criador, que o cristão vai abordar o enfrentamento do mal diante da proposta da salvação. Evidentemente, esta é a primeira defesa do cristão: falar da salvação como única realidade radical contra o mal. Mas isso não basta, diante da história, onde o mal se fez nomeado. É preciso mediações concretas, como Jesus sinalizou, construídas pelo Homem na sua relação social. Até porque o mal também fez morada nessas relações e Jesus salvou utilizando-se dessas mediações. Aqui o autor fala da ética

¹²⁴ GESCHÉ, A., *O Mal*, p. 80 passim.

¹²⁵ Ibid., p. 79.

e da moral, ou seja, dos elementos da justiça e da caridade, como uma mediação purificadora da justa medida existente entre os Homens.¹²⁶

O autor desdobra a reflexão dessas mediações mostrando algumas conseqüências que nascem das suas próprias limitações. A justiça nasce, sabemos, da necessidade de não se praticar a injustiça. Mas reconhecemos que, por si só, não dá conta da luta contra o mal. É importante pelo limite que impõe à realização do mal. Mas não basta, pois corremos o risco de absolutizar o culpado e limitar a salvação à mediação histórica do próprio Homem. Jesus sinalizou esse risco na relação da lei judaica, que considerava justos aqueles que cumpriam os preceitos da lei. Aqui é necessária a vigilância. O critério da salvação ultrapassa o da justiça humana. É fundamental e até essencial que se lute pela sua efetivação, mas com a permanente indagação cristã: estamos mais preocupados em condenar o culpado ou em salvar a vítima condenada? A justiça do Homem não é a justiça do Reino. Todo cuidado se faz necessário ao assumir a razão teológica da luta contra o mal diante das acusações dos não crentes de que Deus, permitindo o mal, tenha oferecido o argumento de sua anulação.¹²⁷

Portanto, para ser fiel à justiça de Deus, é importante fugir dos riscos de uma moralização na luta contra o mal, tornando a mediação um instrumento absoluto no combate ao mal. Essa realidade moralizante seria possível de acontecer porque é simples crer que a justiça corrige o mal fazendo o bem. Mas sabemos que o mal tem sua origem fora do alcance desse mundo e, por isso, só outra realidade, transcendente, poderia dar conta de sua derrota. Mais. O bem não se limita no seu próprio fim, portanto, como afirma Gesché, “*a salvação não pode ser conquistada com essa única medida.*”¹²⁸ Assim como a liberdade, a salvação tem mediações a serem desenvolvidas e construídas como metas, cada uma com lugar e sentido próprios. Fundamentais na relação humana com o outro, mas ambas existindo para além do imediato, destinadas a um sentido maior, à existência em Deus, que, na realidade, permite a construção da identidade cristã. Para essa identidade ser desenvolvida, a caridade se destaca na relação de uma ação justa, atenta aos critérios da não moralização.

¹²⁶ GESCHÉ, A., *O Mal*, p. 82.

¹²⁷ *Ibid.*, pp. 82-85.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 88.

Neste caso, o amor (caridade) é um elemento purificador das relações entre os Homens. Foi o caminho sinalizado por Jesus na salvação, um gesto radical de doação, de gratuidade, de paixão que levou Jesus Cristo à cruz. A radicalidade do amor de Deus, na Encarnação e na cruz, permite Gesché defender, mais uma vez, uma des-moralização da ação no combate ao mal. A caridade é o caminho de Deus, não simplesmente um ato moral. Ao contrário, encontra-se numa lógica diferente da ação moral: a lógica do excesso e de gratuidade, foge à lógica da justiça dos Homens, que se limita a uma correção do mal.¹²⁹ “*O mal não clama unicamente por vingança (é o olhar que se dirige ao culpado), ele clama sobretudo por compaixão (é o olhar dirigido à vítima)*”.¹³⁰ Mais uma vez o autor acentua a perspectiva cristã a partir do próprio Evangelho, que se preocupa mais com a vítima do que com o culpado. São Paulo, no hino à caridade, confirma a redução do Homem à sua finitude: “...se não tiver a caridade, de nada valerá!” (1Cor 13, 3). Provavelmente, seria um Homem sem rumo, vulnerável à escravidão do pecado. Radicalizando ainda mais o entendimento da prática da caridade encontrada no Evangelho, vale recordar que é ato do amor ao outro, esquecido na lembrança da memória que caracteriza o excesso, que não se reduz a um simples ato de justiça, mas por um excesso de amor. São Mateus, no capítulo 25, confirma a entrega sem medidas ao outro, o próximo. Portanto, poderíamos afirmar, sem pudores, que a caridade, critério da salvação, não se limita apenas aos cristãos, mas a todos os que se dispõem a realizar a justiça pela caridade, no amor vivido de forma absoluta pelo outro. Aqui o absoluto tem lugar para existir. Porque foi assim que conhecemos o caminho que Deus fez na história do Homem: amou com absoluta humanidade o ser humano. Um absoluto que consome o Homem para além dele mesmo, o ato de amor.

2.4.3 O pecado original e a culpa

Uma síntese para o tema seria a proposta que o autor faz de reinventar a caridade, buscando os sentidos para sua realização. Esse seria o ato de salvação cristã, de um Deus que ao permanecer criando, permanece oferecendo ao ser

¹²⁹ GESCHÉ, A., *O Mal*, p. 86-88.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 88.

humano atos criativos, atos de libertação. Estamos falando da Salvação que Cristo ofereceu ao ser humano, portanto, da salvação cristã.

O esforço de Gesché, em desenvolver seu pensamento sobre o ser humano e a construção de uma identidade cristã que seja legitimada teologicamente, encontra-se fundamentada na Sagrada Escritura. É na narrativa bíblica da tradição judaico-cristã que encontramos a revelação para respostas teológicas sobre a existência do ser humano. Por isso, o autor alinhava aquele final da Escritura, sobre a prática da caridade, como ação máxima da radical revelação do amor de Deus. Revelação de salvação presente em toda a existência histórica de Jesus Cristo. E, agora, finaliza a reflexão sobre o mal, retornando ao início de tudo, de onde as acusações surgiram: o pecado original. Seguiremos nessa finalização acentuando elementos importantes no reconhecimento do pensamento teológico sobre o mal, assim como de todos os temas fundamentais que envolvem o Homem na sua realidade histórica e que dizem respeito a Deus.

Temos, agora, a tarefa de afirmar e reconhecer a doutrina do pecado original como uma verdade libertadora. Sabemos da dificuldade, diante de uma leitura histórica do cristianismo que exagerou na acentuação do mal em relação à culpabilidade. O exagero depositado no Homem gerou a absolutização dessa culpa e desse mal sobre Deus e o Homem. Reconhecer isso nos ajuda a melhor situar a verdade sobre a disseminação do mal. Por isso, não negamos o que foi construído, mas desejamos anunciar o que verdadeiramente se encontra como proposta da criação: a salvação do ser humano, a libertação do Homem de todas as culpas que impedem de sua realização humana, de sua destinação.¹³¹

Essa compreensão necessita da primeira afirmação de que a mensagem cristã de salvação é da salvação mesmo. Portanto, não pode ser entendida a partir de uma falsa idéia de pecado. Não teria lógica, na perspectiva da salvação, essa idéia gratuita do mal. A idéia presente na narrativa, ao contrário, é de combate radical contra a existência do mal. Há, na doutrina do pecado original, uma verdade de salvação. Como diz Gesché, uma verdade e verdade de salvação.¹³² Recordando o que já abordamos sobre a existência do mal, a serpente deve ser destacada simbolicamente como um elemento paradigmático do mal como mistério, como algo de anterioridade, extrínseca à criação. Assim, teríamos algo

¹³¹ GESCHÉ, A., *O Mal*, pp. 94-96.

¹³² *Ibid.*, p. 95 passim.

para olhar e compreender, antes de responsabilizar Deus e o Homem diretamente pelo mal.

Esta é a proposta: perceber o mal como algo dado, realidade incompreensível, mas real. A teologia bíblica não pretende negar, nem justificar, mas encarar a realidade do mal de frente, uma realidade que diz respeito a Deus e ao Homem. É o cristão que deve assumir para si essa responsabilidade de desvelar a origem do mal, desmoralizando a ação moral exagerada produzida pela Igreja historicamente.

Confirmando o mal como realidade não criada, recorreremos, mais uma vez, à narrativa bíblica ao recordar que Deus mesmo condenou o mal com indignação: “*porque fizeste isso, serás maldita...*” (Gn 3,14). O mal, então, não pertence à natureza das coisas, deve ser compreendido como acidente, uma desgraça. Por isso Deus assume o combate contra o mal, que só na Graça da salvação pode ser derrotado e destruído, como foi vencido diante da morte de Jesus na cruz. Deus ressuscita o Filho, vencendo a morte e salvando o Homem do pecado, da possibilidade do ser humano sucumbir com o peso do pecado.

Destacamos, ainda, mais dois elementos importantes nessa sistematização sobre o mal: a sedução e o castigo simbolizado no arcanjo na porta do paraíso.¹³⁴ Vimos que a serpente, com a força simbólica de colocar o mal fora da criação, traz a realidade da amenização da culpa do Homem. Se o mal antecede, o Homem não pode ser culpado de todo o peso dessa responsabilidade. Mas a Bíblia não nega que haja uma real responsabilidade do Homem na existência do mal. Aqui entra a sedução como resposta a essa responsabilidade. Anteriormente já abordamos que o desejo do outro, introjetado na pessoa, provoca o maior mal na raiz da história do Homem: a alienação dos seus próprios desejos. Isso foi o que a serpente desencadeou. Gesché reconhece, no elemento da tentação, o caráter libertador da doutrina do pecado original, pois retira do Homem o peso absoluto de sua culpabilidade. Libertador, porque o Homem, não carregando esse peso exagerado, encontra forças para lutar contra o mal e não se deixa vencer pela fatalização que ele provoca na vida do Homem. O Homem tem com quem dividir a sua culpa, que não lhe isenta da responsabilidade do consentimento. Por isso, a teologia fala da herança e transmissão, pois, apesar da incompreensão e da polêmica existente

¹³⁴ GESCHÉ, A., *O Mal*, p. 100 passim.

sobre o seu significado, oferece o conforto de que você ao nascer já recebera esse mundo de pecado, ou seja, algo já ocorrera que não tenha sido você unicamente o responsável. O que lhe encoraja a participar da luta pela destruição do mal, evitando sua colaboração na extensão desse pecado. É o que o autor destaca, à frente, ao abordar a responsabilidade de solidariedade e de liberdade.¹³⁵

Outro importante elemento é o castigo. A idéia do arcanjo na porta do paraíso é uma concepção de que o Homem não será eternamente atormentado pela culpa que, porque ele próprio se julga, torna-se mortal para ele. A hiperculpabilização é provocada pelo julgamento que o Homem faz de si mesmo, um julgamento que sozinho não teria um fim. O Homem precisa do outro para esse fim, um outro que possa afirmar a absolvição. Por isso, tão sabiamente a tradição judaico-cristã apresenta a figura do arcanjo, o outro, aquele “*que põe fim a um processo de destruição*”.¹³⁶ Podemos, dessa forma, anunciar que a tradição bíblica faz do mal uma realidade dada, portanto, cultural, como afirma o autor. E, sendo assim, para o Homem, de liberdade e de domínio. A verdade da responsabilidade do Homem está dita e reconhecida pela tradição. Outros discursos também afirmaram essa responsabilidade, cada um a seu modo. A teologia fala, com o seu discurso, sem negar essa parte responsável que cabe ao Homem, mas anunciando uma participação partilhada com uma realidade que não lhe pertence, misteriosa aos olhos do mundo criado. A partir dessa visão, a Sagrada Escritura oferece uma rica leitura de valor quando se refere, por exemplo, à existência do mal das catástrofes naturais. Muitas vezes a responsabilidade vem da ação dos Homens.¹³⁷

Nesse sentido, a doutrina do pecado original sinaliza que a responsabilidade é de solidariedade e de liberdade. Aqui retomamos o que foi dito acima sobre a importância da herança e da transmissão, quando permite uma nova leitura para a compreensão mais racional do pecado. Ao Homem foi transmitido por herança. Portanto, ao receber torna-se responsável, mesmo sem desejá-lo. Ele se vê inserido numa realidade que lhe foi dada sem participação direta. Mas agora, de forma direta, se torna responsável por essa mesma realidade herdada, que será por ele deixada como herança aos outros. Encontramos o pleno sentido da

¹³⁵ GESCHÉ, A., *O Mal*, pp. 101-103.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 100.

¹³⁷ *Ibid.*, pp. 102-104.

liberdade responsável que Gesché trata dentro da doutrina do pecado original. Compreendemos, dessa maneira, a riqueza dos elementos da tradição bíblica que a teologia tem disponíveis para construção de um entendimento racional sobre a relação de Deus e do homem de fé com o mal.

Buscando finalizar a relação estabelecida pela teologia no debate sobre o mal, destacamos o que já está dito, tanto de forma explícita como implícita: a doutrina do pecado original é uma doutrina da salvação. Este aspecto é de muita significação para o debate sobre o mal e o pecado, porque nos colocará na direção do nosso destino. A realidade da salvação dá ao Homem a condição de se reconhecer livre, capaz de libertação. Essa concepção de que o mal, não sendo parte do Homem, do seu ser, mas podendo levá-lo a não ser, nos remete à possibilidade da salvação. O mal é atingível, há um domínio existente sobre o mal. Podemos olhar para a doutrina do pecado original e perceber a abundância da Graça de Deus.¹³⁸ Existe, na doutrina, a presença intrínseca da salvação, nada permanece fora do alcance da Graça de Deus. A Sagrada Escritura define, de forma muito clara, o caráter salvífico ao tratar o tema do pecado na sua origem. Se existe lugar originado, pode ser combatido, não pertence à ordem da destinação.

“Penso que, desse importante ponto de vista, não há nenhum traço, na tradição judaico-cristã, de ‘mal escatológico’, de ‘pecado escatológico’, mas somente de pecado original. Se o mal fosse uma grandeza escatológica, estaríamos destinados a ele. Mais uma vez, não haveria nada a fazer. (...) O mal, em princípio, não terá a última palavra.”¹³⁹

Essa compreensão consolida a idéia de que a responsabilidade e a carga da culpabilidade relacionam-se e revelam ao Homem a sua capacidade de libertação, à medida do grau do seu envolvimento e do amadurecimento, na luta contra o mal. É uma relação adulta diante da falta. O tema já nos ofereceu essa compreensão sadia de uma reconhecida culpabilidade. Isso faz um enorme bem ao ser humano. O problema se encontra quando a culpabilidade se torna mórbida, como denomina o autor, o Homem é tomado por um “culpabilismo permanente”, imobilizador de qualquer ação libertadora. Essa condição é perversa diante do próprio indivíduo, porém mais grave diante de Deus, pois a anulação do Homem ofende a criação. O Homem se enreda numa aparente forma de combate, mas de fato imóvel diante de uma ação efetiva de luta. Na verdade, o culpabilismo age numa superfície de

¹³⁸ GESCHÉ, A., *O Mal*, p. 105

¹³⁹ *Ibid.*, p. 105.

tentativas que acomoda a consciência uma responsabilidade. Porém, não coloca a meta do futuro transformador e exigente de ações no presente, o que desencadeia frustrações e uma autodestruição constante.¹⁴⁰

A tradição cristã tem no perdão o sentido norteador da retomada do destino do ser humano. Vai permitir o recomeço do caminho, a continuidade na luta contra o mal. Dessa forma, vai mais além, dá ao Homem a certeza da Graça de Deus. A salvação é possível e não é o Homem quem o afirma. É Deus, quando rejeita e impede a derrota do Homem pelo mal.¹⁴¹

Aproveitamos a citação bíblica de Mateus, trazida por Gesché, e concluímos com a ponte entre o Antigo e o Novo Testamento, revelada como surpreendente na abordagem sobre o debate do mal na história salvífica da criação: “*o que desligardes na terra será desligado no céu*” (Mt 16,9). O esforço, a partir do ponto seguinte, é aprofundar o entendimento da salvação, hoje, para que o debate teológico tenha, cada vez mais, recursos no espaço da racionalidade do mundo real. Seguimos com o entusiasmo do autor.

2.5 A Destinação

Após o estudo da abordagem teológica de Gesché, defendida como solução para o problema do mal, conseguimos reconhecer, na existência histórica do Homem, os elementos possíveis na luta contra o mal. Reconhecemos na construção da identidade cristã a Sagrada Escritura como fonte reveladora da ação salvífica de Deus, a partir do entendimento sobre a verdade salvadora contida na doutrina do pecado original e, o amor de Deus, na ação libertadora de Jesus contra o pecado. Enfim, podemos afirmar a possibilidade de uma nova relação entre o Homem e Deus na luta pela derrota do mal, possibilitando ao Homem reencontrar o seu destino: a plena realização humana. Essa realização que, antecipamos, afirmamos representar a Salvação proposta pelo cristianismo como único caminho de resposta ao mal configurado na existência histórica. Esse é o tema que desenvolveremos, buscando dar os contornos finais à compreensão teológico-

¹⁴⁰ GESCHÉ, A., *O Mal*, pp. 105-108.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 109.

antropológica que fundamenta a construção da identidade cristã, necessária ao reconhecimento do Homem da fé no discurso das ciências.

Gesché não desvincula seu pensamento teológico sobre Deus e o ser humano como existências separadas. Há uma intrínseca relação que não permite falar de um sem a presença do outro. Deus criou, fez existir sua criação nesse processo intrínseco e dialético que O une à sua criação através do elo da alteridade. Vimos no início desse capítulo os elementos estruturantes do ser humano que possibilitam fundamentar e inaugurar essa visão entre Deus e o Homem. Propomos, neste tema sobre a destinação, fechando o capítulo, já embebidos e plasmados pelo pensamento do autor, falar, simultaneamente, do ser humano e da salvação de Deus. Assim como nos ensina Gesché, no próprio dinamismo de Deus reconhecer o dinamismo do Homem em direção à sua destinação. Sem dúvida alguma, essa relação precisa ser reconquistada na vida do Homem. Deus está lá, à espera da abertura da porta. Não invade se não for pelas mãos do próprio Homem. Por isso, insistimos na beleza dessa intrínseca relação, somente percebida quando o Homem dá o sinal verde para Deus avançar. Uma citação bíblica, trazida por Gesché, elucida essa compreensão: *“eu estou à porta, e se me abrem, entro”* (Ap 3,20). *“Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém: não acordeis, não desperteis quem eu amo antes de ele querer”* (Ct 2,7).

Compreendemos, dessa forma, que Deus reconhece a necessidade do desejo do Homem na mobilização de sua ação a favor de sua realização humana, essencial para reencontrar sua destinação. Recorrendo à estrutura humana, Gesché mergulha no âmago do Homem e faz indagações que, esclarecidas, conduzem à sua realização, ou seja, à destinação em Deus. Primeiramente, há no Homem uma busca que o faz ser reconhecido na sua identidade de ser humano, o seu próprio destino, que pertence unicamente a ele como indivíduo, pessoa reconhecida. Reconhece que a sua liberdade o faz construir ou destruir essa possibilidade. Muito interessante o que o autor nos faz rever sobre a palavra destino. Ao contrário do que o senso comum trabalha como anônimo ao homem, existe a marca de sua ação na construção desse destino, pois é isto que permite seu reconhecimento pessoal dentro da sua vida social, ou seja, comunitária. Aqui identificamos uma busca pela superação da limitação do ser humano, pois, ao se

perceber capaz de fazer, se vê, também, agindo pelo outro e com o outro, que colabora nessa construção final de sua identidade. Ou seja, a auto-transcendência se torna necessária no processo dessa construção. O Homem se vê limitado pelas condições de sua finitude e só consegue superá-las quando se abre numa mútua relação com o outro. Essa reflexão sobre o destino nos leva para mais longe na compreensão desse Homem que tem o desejo de ser reconhecido como ser. Diz Gesché:

“...a idéia de que algo, de alguma forma, talvez nos seja proposto, oferecido, outro aspecto um tanto paradoxal, mas real da liberdade, e que é acolher algo que nos vem ‘de outro lugar’, de uma alteridade.”¹⁴³

Essa idéia comporta a presença da realidade afetiva do ser humano. O Homem é um ser de desejo, por isso receptivo às orientações externas que criam os sonhos e a realidade sonhada. O Homem se percebe enredado na construção de algo maior, que não se limita unicamente à sua pessoa, mas abrange um universo que não chega a alcançar. É essa dimensão de abertura, que constitui o ser humano, que o faz despertar em seus desejos e, que Deus espera acontecer para se pronunciar. Na verdade, como afirma Gesché, a busca do Homem na construção de seu destino revela uma mobilização em toda a sua existência, a sua realização pessoal está comprometida em relação à realização pessoal do outro. Isso significa dizer que o ser humano, necessariamente, se encontra voltado para dar sentido à sua liberdade, à existência de sua vida. A teologia traz, aqui, a sua colaboração: o sentido último que o Homem deve dar à sua existência. Cada vez mais encontramos na teologia o fundamento para pensar Deus e o Homem na perspectiva de uma recriação da identidade cristã.

Gesché continua nas suas indagações do ser humano sobre essa busca pela construção de seu destino. Agora, recorre às conhecidas afirmações fatalistas, corriqueiras, mas significativas, que contradizem sua afirmação sobre o desejo da construção do destino do Homem. Por exemplo, sobre o próprio destino ser de Deus, já determinado por Deus. O que impede o Homem de transpor alguns obstáculos e de interpretá-los como fatalidade? Os obstáculos intransponíveis são tratados, pelos Homens, como algo de ordem diferente às suas possibilidades humanas. A predestinação, lembrada por Gesché, contribuiu na consolidação da mentalidade fatalista, quando deu ao destino um lugar: Deus. Não temos, aqui, a

¹⁴³ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 82.

pretensão de desdobrar essa concepção, apenas de recordar os efeitos que teve na história do cristianismo, contribuindo para os medos e culpas diante dos obstáculos (situação) incompreensíveis e difíceis de superação. Na busca de responder essa indagação, Gesché considera três vias importantes: a de reconhecer a atração que a fatalidade provoca no Homem; a vantagem de sua existência diante da irracionalidade do efeito do mal; e a de enfrentar o fatalismo como dado real na nossa formação existencial (histórica, cultural e psíquica), superando-o quando possível.¹⁴⁴

Segundo o autor, o Homem também traz dentro de si, por questões históricas, circunstanciais à sua liberdade vivida, o desinteresse, a falta de motivação e de desejo em responder a essa realidade apresentada. Por outro lado, essa acomodação pode sabiamente reter energia necessária à superação do que venha a ser fundamental na mudança da direção de sua existência. Nesse aspecto é destacada pelo autor a contribuição que o cristianismo tem como valor para oferecer: “*entre o ser humano tal como deveria ser e o ser humano tal como é, há espaço para o ser humano como pode ser.*”¹⁴⁵ Nesse trecho, evidenciamos a liberdade dada na criação do ser humano e respeitada na realidade do Homem. É, justamente, a ação histórica do Homem que deve ser considerada na salvação proposta pelo cristianismo. Teremos oportunidade, mais adiante, de aprofundar o tema da salvação como processo de construção da liberdade do ser humano. A dinâmica acontece na história do Homem, que é história da salvação. Compreendemos, então, a terceira via indicada por Gesché: trabalhar os condicionamentos, transformando-os em realidades possíveis, ou seja, reconhecer a realidade como dada, objetivamente limitada por seus condicionamentos histórico-culturais. Assim, os riscos do fatalismo histórico são reduzidos e as chances do ser humano superar os obstáculos em direção à sua felicidade se tornam maiores. Já podemos falar da salvação cristã como um processo de liberdade atuante do Homem na sua situação histórica. A existência do ser humano é tomada pelo dinamismo da salvação, que deve inseri-lo, sempre, na construção de seu destino, desejo de reconhecer-se diante de si e do outro. Daí,

¹⁴⁴ Cf GESCHÉ, A., *O Sentido*, pp.86-91. O autor trata das vias de forma a conduzir-nos a uma maior reflexão sobre as possibilidades da desfatalização proposta na tradição judaico-cristã.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 89.

também, podemos falar na direção de sua destinação, o Outro, a quem o Homem abriu a porta quando seu desejo foi despertado.

Essa compreensão da salvação como processo nos remete a uma indagação mais profunda de Gesché, de que o ser humano deve ousar no excesso para encontrar razões suficientes que despertem paixões e desejos por mudanças concretas. O Homem só poderá exceder-se considerando a realidade e superando as mediações imediatas que vêm como solução da própria realidade. Ou seja, o Homem precisa ousar, ir além do que lhe é apresentado como solução. Sem se esvair da realidade, encontrar respostas, novas formas de viver em liberdade sua existência, que transcende à realidade condicionada. As mediações são fundamentais como referências da realidade, mas insuficientes para uma libertação mais profunda do ser humano, que dê o sentido último do seu destino criado e construído. Nas palavras de Gesché, “*um combate para a liberdade e para a libertação requer práticas econômicas, políticas e técnicas. Não se instaura o Reino chamando ‘Senhor, Senhor’*”.¹⁴⁶ Essa abordagem mais concreta sobre a reflexão do ser humano em relação à sua existência cristã será discutida no terceiro capítulo. Enfocaremos, no entanto, o excesso, porque é nele que o autor sustenta a chave da estrutura antropológica do ser humano, a chave que possibilita ao Homem criar consciência para agir, colaborando na sua salvação. É o excesso que vai possibilitar a superação dos obstáculos “intransponíveis”. Gesché aborda, nessa reflexão, a questão das finalidades, os sentidos que o ser humano precisa dar às suas realizações, para encontrar o sentido último de sua destinação.¹⁴⁷

É nessa perspectiva que o autor convoca o ser humano a se deixar tomar pelo excesso da paixão, onde a razão cederia espaço à emoção e, juntas, aflorariam a sensibilidade pelo belo, pela arte, que desvela o desejo de amar e a capacidade de se doar. Dessa forma, o Homem estaria participando da descoberta de uma nova lógica na sua realidade histórica, a dinâmica da gratuidade do amor. A essa convocação, Gesché destaca a rica possibilidade que o cristianismo trouxe para além da história. Reconhecemos a importância do processo histórico, construído e transformado pelos Homens, mas rejeitamos a concepção limitada dos projetos que, mesmo novos, a serem realizados, são dos Homens, portanto, sempre limitados na sua apresentação. Nesse caso, da absolutização do projeto

¹⁴⁶ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 92.

¹⁴⁷ *Ibid.*, pp. 92-97.

realizado, corre-se o risco de compreender o excesso como aplicação de um fim atingível, realizável.

“Há insuficiência ‘ontológica’ da história em pretender satisfazer a esperança e a capacidade do ser humano, colocando-as nos limites de seu horizonte neste mundo. E cabe lembrar que a tradição cristã, ao mesmo tempo que é teologia da Encarnação e do tempo, sempre contou com sua escatologia.”¹⁴⁸

Acreditamos que a citação nos esclarece quanto ao sentido maior do ser humano como um ser de desejo, onde o lugar da história se torna inesgotável para sua absoluta realização. Mesmo considerando uma sociedade que tenha atingido uma realidade de justiça e igualdade, sempre haverá a necessidade do excesso, ou seja, da prática do amor como garantia da realização humana. É essa necessidade que alimenta a alteridade constitutiva do ser humano, o que faz dele um ser de possibilidades além de suas limitações e esforços pessoais, um ser da auto-transcendência. É nesse entendimento, teológico e antropológico, que o cristianismo traz a novidade escatológica, com diz o texto, presente na ação de Jesus, quando anuncia a chegada iminente do Reino de Deus. Deus fez do tempo da história um tempo de esperança escatológica quando, na Encarnação, o transcendente se fez imanente.

Gesché se propõe, ao fim de suas indagações sobre o destino que o Homem vai construindo na sua existência, falar da teologia da destinação, melhor definindo, da antropologia de destinação teologal. Na verdade, é a defesa pela teologia como algo possível, por isso, seguro de ser vivenciado, pois já existe como dado e ofertado nos escritos dos Evangelhos. O autor defende a possibilidade do Homem aceitar uma destinação teologal como realidade a ser aceita, vivenciada e defendida.¹⁴⁹

Nessa perspectiva, retoma sua compreensão sobre o ser humano “visitado”, que, como ser de alteridade, permite ir além de suas forças físicas e reconhecer-se um ser de acolhimento de visitação, um ser capaz de se apaixonar e de se doar sem limites.¹⁵⁰ Um ser humano compreendido, como j a estudamos, como um ser de abertura, de diálogo, de receptividade, que, se não o fosse, estaria condenado   sua finitude, num vazio de sentidos, portanto, um ser sem destino, perdido na falta

¹⁴⁸ GESCH E, A., *O Sentido*, p. 101.

¹⁴⁹ *Ibid.*, pp.102-106.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 106.

de um rumo, um ser alienado. Aqui Gesché levanta a distinção entre alienação e alteridade.

“Essa idéia de um dom que nos é oferecido, vindo de fora e com o qual nos encontramos, não deve ofender-nos. É preciso, também, acrescentar isto: se nada disso a que aspirávamos não nos fosse em parte oferecido, e de onde isso vem, perderíamos a coragem numa solidão espantosa. O amor não nos é oferecido e dado? Que nos tornaríamos se não recebêssemos nada?”¹⁵¹

A alienação condena o ser humano à anulação, pois não permite que os próprios desejos sejam despertados como seus. Não há construção e, sim, apropriação do desejo de outro, relembrando o paradigma da serpente, que introduz no Homem o seu desejo, alienando-o e desviando-o de sua destinação. Ao contrário do dom recebido, que também vem de fora, mas provoca perplexidade de algo novo, paixão, permitindo ao Homem construir, na alteridade, a sua identidade, se reconhecendo como sujeito histórico, social e cultural. O autor nos remete ao Evangelho de São João, na passagem da samaritana, em que Jesus diz: “*se conhecesses o Dom de Deus...*” (Jo 4,10). Certamente, como a samaritana, nos surpreenderíamos sempre diante do que nos é dado como Dom revelado.

Essa distinção se torna singular na construção da identidade cristã, pois compreende a liberdade como um dom, oferecido por Deus na criação do Homem, para que se constitua um ser de destinação, preocupado com os sentidos que dá à sua existência. Na verdade, um ser que, no processo de suas descobertas, se surpreende com as possibilidades criadas e oferecidas por Deus. É dentro dessa compreensão antropológica, reforçada pelo autor no aspecto do excesso, da paixão, do ser visitado, que é oferecido o dom da salvação. A destinação teologal tem sua fundamentação nessa antropologia. Uma proposta pautada na liberdade, pois como acabamos de dizer, o Homem é criado livremente para amar e participar do amor de Deus. É dentro desse movimento que Deus respeita e espera pelo tempo entre o anúncio e a resposta do Homem. Aqui falamos de outro aspecto da destinação teologal, aquele já dito, que se encontra afirmado no Evangelho.¹⁵²

Gesché sustenta que a destinação teologal já se encontra afirmada na Sagrada Escritura como anúncio, independente de ser ou não fundamentada como se exige de qualquer ciência. O anúncio, *querigma*, como é compreendido nos escritos do Novo Testamento, se refere a um tempo de esperança escatológica.

¹⁵¹ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 108.

¹⁵² *Ibid.*, pp. 104-106.

Jesus anuncia a promessa desse novo tempo, de “partilha da própria vida de Deus num único destino.”¹⁵³ A sua pessoa representa esse novo tempo inaugurado na história do Homem, mas que não se limita ao tempo cronológico, pois a promessa é de uma destinação teologal, de uma eternidade. Isso é fundamental no entendimento dessa destinação afirmada no Evangelho, pois nos é dado, nesse sentido, uma possibilidade real de uma existência destinada a Deus. O cristianismo inaugura essa realidade de transição histórica e de eternidade, ou seja, a eternidade irrompe na história da humanidade, unindo o destino do Homem à eternidade como possibilidade de construção existencial.

A narrativa do Evangelho, afirmando e anunciando uma verdade, é uma linguagem diferente da exigida pela ciência, que pede verificações e comprovações. A linguagem bíblico-teológica tem como premissa a fé, que traz como ponto de partida a afirmação do anúncio, indiferente à preocupação em fornecer provas. Assim foi no anúncio da chegada do Salvador (Lc 2,11) e da Ressurreição de Jesus Cristo (Mc 16,7). O Homem tem, entre este tempo anunciado e a sua resposta de aceitação e verificação, a sua existência histórica para ser vivida. Aqui, o autor caracteriza a destinação teologal como algo oferecido e afirmado, portanto, possível de ser assumido como opção de construção de um destino. Para que essa realidade seja visível em atitudes, significativa em ações pautadas nos valores cristãos, é imprescindível reconhecer a dimensão ética presente, não só nessa atitude humana, “*mas também no próprio seio da transcendência divina.*”¹⁵⁴

O Deus de Jesus Cristo, o Deus cristão, é um Deus ético, irrompeu na história, assumindo todas as exigências humanas, indo ao encontro do ser humano com todas suas imperfeições, amando-o radicalmente até na cruz, e, quando glorificado, também glorifica o ser humano. Portanto não podemos falar de um Deus desencarnado, fora da história, pairando acima das dificuldades e sofrimentos do Homem. A grande diferença do cristianismo é que o Deus cristão encontra o ser humano e revela um destino para ser assumido em comunhão com o Transcendente.¹⁵⁵

¹⁵³ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 104.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 109.

¹⁵⁵ *Ibid.*, pp.109-111.

Acreditamos, junto com Gesché, que a destinação teologal contém uma antropologia que evidencia uma vocação maior, sem anular nenhuma outra dimensão do ser, a de ter sido criado para construir uma existência humano-divina. Sem pretensão de significar uma divindade favorecida por um deus qualquer, mas de assumir para si a mesma condição de Jesus Cristo, a do servo sofredor, que viveu na maior expressão de amor e de paixão por todos os homens e mulheres.

“Deus não veio até nós para fazer alarde da grandeza de um Ab-soluto. Veio até nós, ‘sem ter ciúmes de sua divindade’ (Fl2,6), por amor ao ser humano: como um infinito de não-indiferença. O que talvez seja a mais bela definição de Deus. Deus começa descendo. “Quem sobe ao céu, se não aquele que primeiro desceu?” (Jo 3,13)¹⁵⁶

Parece-nos que, diante de tudo que foi dito, ainda mereça desdobramentos a destinação defendida na perspectiva teologal como possibilidade de existência humana. Aqui, acreditamos estar a centralidade que Gesché vem trabalhando pela defesa da identidade cristã. O diferencial se encontra em crer que o Deus cristão traz essa proposta de existência humana. Não um convite para ser vivido individualmente, mas em comunhão com o Transcendente. Mais do que reconhecer é assumir que esse Deus se revela na história e apenas na história pode ser reconhecido, compreendido e defendido. Para isso, Gesché nos oferece os subsídios teológicos e, com eles, procuramos reler, aprofundar e recriar novos paradigmas necessários à nossa atuação como cristão. Nessa compreensão, precisamos, ainda, desfazer algumas antigas imagens que comprometem a compreensão da salvação oferecida como destinação teologal.

Primeiramente, a necessidade de desfazer a idéia da salvação diretamente vinculada à do pecado. Saber identificar na palavra o significado fundante na vida do ser humano, o de se sentir a caminho de realizações e de sua felicidade. O autor vai recolocar a palavra dentro do seu sentido próprio que a teologia, bem ou mal, sempre buscou falar: o fim do ser humano, a sua destinação. Assumindo essa trajetória, Gesché explora os sentidos da palavra salvação que sugeriram, sempre, indagações e dúvidas, por isso necessário revê-las para devolvê-las ao lugar de origem. Do quê a salvação nos salva? Por quem somos salvos? Para quê e baseados em quê? Indagações estruturantes para o pensamento do ser humano, pois o coloca como ser de reflexão e de alteridade, diferenciando-o dos outros seres criados. Nessas indagações podemos reconhecer presente no Homem a

¹⁵⁶ GESCHÉ, A., *O Sentido*, p. 111.

possibilidade de relação com o transcendente, porque é lá que ele vai buscar respostas não encontradas na sua existência histórica. É, então, que a religião, o pensamento teológico, ocupa o seu lugar, e com legitimação, pois vem responder às próprias indagações do ser humano.¹⁵⁷

“*Eu vim para que tenham vida e tenham em abundância*” (Jo 10,10). É verdade que encontramos no Novo Testamento uma proposta clara de realização humana, a partir da fé, do que se crê atingir como meta para o qual fomos criados. A citação de São João confirma e convida o ser humano de fé a essa realidade de plenitude. O cristão encontra essa mensagem positiva e real de vida, um convite à sua realização plena em Jesus Cristo. Esta é a salvação contida na Sagrada Escritura. Porém, sabemos que subsiste no imaginário do senso comum uma contraposição entre salvação e pecado, associando-os de forma direta, como se houvesse intenção dos cristãos, interessados na Evangelização, impor uma adesão em troca da própria salvação. Encontramo-nos diante de uma resistência e distorção do sentido da palavra salvação. O processo histórico do cristianismo também não colaborou para a evolução da palavra, pois o seu sentido recebeu um aspecto mais moralizante que acabou por acentuar a relação mais imediata com o pecado. Esse processo tem começo quando o Homem, diante dos obstáculos que impedem essa realização maior, não consegue transpô-los a fim de atingir a meta para o qual fora criado, ser feliz e um ser humano realizado. Entendemos que todo ser humano tem como meta sua realização e não, ao contrário, sua infelicidade. Portanto, os Homens sempre lutarão pra encontrar a felicidade. A questão é como e onde a encontrão. Na verdade, a luta pela superação das dificuldades para se alcançar a felicidade é positiva. O problema se concentra quando se absolutiza esse aspecto como questão-chave para a salvação, levando a uma oposição excludente com o pecado. Gesché quer justamente recolocar a importância desse mecanismo de defesa do Homem na luta pela sua realização no seu lugar de origem, de estar em segundo plano, pois o primeiro é a finalidade de sua realização humana. Lutar pela sua felicidade, superar os obstáculos da meta de viver sua realização pessoal e social, faz parte de um momento da salvação, que representa a sua plena realização. Portanto, não são momentos excludentes, mas pertencentes a um mesmo processo, o da salvação. É nessa perspectiva que o autor

¹⁵⁷ GESCHÉ, A., *A Destinação*, pp. 21-60.

defende a revisão da palavra e compreensão do sentido da salvação. À medida que superamos os obstáculos, estamos vivenciando a salvação, pois nos libertamos do que nos afasta de nossas realizações humanas. Colocamo-nos na dinâmica do enfrentamento entre ser e não ser, ou seja, na defesa dos nossos desejos de realizações, porque sem eles somos seres vulneráveis à desorientação, perdidos em nossa própria identidade. Dessa forma, a salvação pode ser dada como parte constitutiva do ser humano, pois se torna parte da existência humana o desejo pela plena realização. Assim, passamos a compreender a salvação dentro do dinamismo da história, identificando uma resposta positiva à primeira indagação feita sobre de que somos salvos.¹⁵⁸

Reconhecendo o dinamismo da salvação como parte integrante da existência do Homem, Gesché nos oferece uma ampla compreensão ao destacar os obstáculos mais determinantes, que configuram o ser humano na luta pela superação de suas dificuldades. A consciência da finitude na morte, o mal e a fatalidade. Porém, paradoxalmente, são esses obstáculos que permitem ao Homem construir sua identidade como sujeito histórico, ou seja, sua existência de vida. Do mal, como já teve seu lugar de destaque na reflexão do autor, destacamos apenas a idéia de que nos é possível combatê-lo, identificá-lo como algo que nos foi imputado por alguma realidade não criada, mas dada a existir, porque foi, na limitação humana, permitida.

De todos os obstáculos, a morte oferece o que a teologia tem como sua legítima propriedade para abordar o tema da salvação no sentido teológico. Isso, porque, mesmo sendo de difícil compreensão racional, a sociedade moderna permitiu ao Homem reconhecer, nas lutas contra as doenças e a favor de uma vida mais saudável, sua finitude como dado real e de fim.

“Ao lembrar-nos continuamente de nossa finitude, a perspectiva da morte nos permite dar à nossa vida um contorno histórico, que não lhe daríamos se vivêssemos na ilusão do infinito.”¹⁵⁹

É essa consciência limitada de nossa história que nos possibilita falar do que só a teologia pode: numa vida após a morte física. Essa realidade pertence à dimensão da fé. Vislumbramos, nesse momento, o âmbito em que a identidade cristã se encontra localizada e a importância do Homem de fé se apropriar dessa

¹⁵⁸ GESCHÉ, A., *A Destinação*, p. 23-25.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 28.

realidade para uma legítima apresentação na sociedade atual. A salvação cristã fala da morte como possibilidade de um novo sentido da vida. Porém, a morte, na perspectiva cristã, não tem o sentido da existência do Homem. Pelo contrário, o sentido é o da vida em abundância, como vimos no evangelho de João. “*A morte não constitui sua finalidade, não pertence ao desígnio de sua vinda ao mundo, ao seu destino*”.¹⁶⁰ Esse é o sentido que vemos na abordagem de Gesché sobre a limitação e abertura que a morte oferece como perspectiva na vida do ser humano.

A fatalidade é o outro obstáculo destacado como impedimento ao pleno exercício da liberdade humana. Vimos, anteriormente, o sentido da palavra destino, representado no senso comum como fatalidade, como algo que não dependesse de suas próprias forças e possibilidades, pois tem um lugar que lhe fora dado: Deus. Reconhecemos, nessa visão, algo de positivo, que o cristianismo tem como mensagem, que é o acolhimento, o silêncio, diante de uma força maior, do mistério que o Homem não alcança, e uma energia poupada para o possível combate aos obstáculos quando for possível fazê-lo. Esse obstáculo apresenta, portanto, uma tensão entre a não superação e a sua real possibilidade. O ser humano deve se reconhecer condicionado por muitas fatalidades, umas de ordem intransponíveis, como o físico, o biológico, o cultural, mas outras possíveis de serem transformadas. Para isso, é importante lembrar que o cristianismo, na doutrina da criação e do pecado original, inaugurou a desfatalização da história, que traz ao ser humano a perspectiva de transformar e (re)criar a realidade criada por Deus. O ser humano recebe, na criação o dom da liberdade, que constrói na alteridade com o outro e com o Transcendente. Isso lhe confere a capacidade e a possibilidade de intervenção na história, que recebeu e vai deixar como herança para a humanidade. A salvação cristã, diante desse obstáculo, afirma que há a possibilidade de mudança, de interferência, de reconstituição da dignidade do Homem. A fatalidade deve ser denunciada para que a salvação possa ser reconduzida ao pleno sentido da palavra, libertação de tudo que reduz as possibilidades do Homem se realizar humanamente.¹⁶¹

Essa é a mensagem encontrada nos Evangelhos, que nos falam da ação libertadora que Jesus promoveu nos homens e mulheres. Uma ação de salvação, devolvendo ao ser humano as condições necessárias a uma vida plena e abundante,

¹⁶⁰ GESCHÉ, A., *A Destinação*, p. 29.

¹⁶¹ *Ibid.*, pp. 30-34.

uma vida vivida na liberdade, para ser vivida na história, a partir da experiência de cada ser humano. Como diz Gesché, é preciso recuperar a coragem de desfatalizar a história, de se livrar do maior obstáculo que impede o ser humano de viver suas realizações: o medo.

Essa defesa pelo esclarecimento do sentido da salvação é fundamental, pois oferece a possibilidade de perceber no Jesus histórico a ação salvífica de Deus. Abordar a salvação como superação de obstáculos e, com isso, possibilidades de realização pessoal, torna o caminho da realização mais tangível, em harmonia com o próprio desejo das pessoas. Mas, expressar que a salvação acontece em Jesus Cristo torna esse caminho mais árduo para os cristãos. Encontramos, aqui, outra indagação, surgida diante dos valores de uma sociedade estruturada na autonomia do sujeito. A idéia de uma salvação independente do próprio ser humano sugere uma contradição com o termo auto-nomia, em que o sujeito é capaz de se fazer por si mesmo, bem como com a percepção do historicismo, fica comprometida diante da ação de um ser transcendente.¹⁶²

“Por quê? Exatamente porque toda idéia de que se possa recorrer a um outro além de si, sobretudo se se trata de Deus, apresenta-se como uma confissão – e uma confissão injustificada – de fraqueza e de impotência. Sobretudo, como uma alienação, porque se não sou eu mesmo por mim mesmo, sou despojado de meu ser.”¹⁶³

Na verdade, conhecemos essa realidade em que Deus é tomado como objeção à construção da autonomia e da identidade do ser humano. O autor sugere que a defesa contra a idéia dessa autonomia ferida seja assumida pelo cristão a partir da teologia, que nos oferece recursos claros e legítimos para defender a alteridade em Deus, porque é na alteridade que o problema se situa. Gesché fala do mal-entendido sobre a alteridade. Vimos, em páginas anteriores, a importância da alteridade para o reconhecimento da identidade do ser humano. A pessoa não se constrói na solidão. Pelo contrário, morre fechada em si mesma. É a partir do outro que nos reconhecemos como seres e sujeitos de nossas próprias vidas. O outro nos possibilita conhecer-nos. Esse outro, que nos convoca e permite conhecer-nos e sermos conhecidos, cria a possibilidade de irmos para mais longe, além do universo da relação entre as pessoas. Dá-nos a possibilidade de reconhecer a alteridade de Deus, uma alteridade que, ao contrário da dependência

¹⁶² GESCHÉ, A., *A Destinação*, p. 35.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 36.

e da anulação, nos joga para uma maior plenitude de existência. Podemos atuar construindo a nossa liberdade de existência histórica. Estamos salvos de não nos reconhecer na nossa humanidade, salvos da falta de rumo na nossa existência. Descobrimos o Outro, o Terceiro-Transcendente, aquele que nos conduz ao infinito, que, ao nos colocarmos diante de Dele, nos faz existir e nos concede uma identidade.¹⁶⁴

A fé cristã afirma que Jesus Cristo é a ação salvadora de Deus na história. São Paulo nos fala, na carta aos Filipenses (Fl 2,6), que Jesus não se prevaleceu de sua condição divina, mas aniquilou-se a si mesmo, assemelhando-se aos Homens, o que nos faz ter a certeza de uma alteridade de Deus, que é construída na liberdade para a salvação do ser humano. Uma salvação acontecida na história do Homem. O cristão deve, cada vez mais, se sentir convocado a assumir sua identidade, desvelando a alteridade de Deus como princípio absoluto de autonomia do ser humano e refutando a idéia de dependência, de um Deus fora do mundo e da história construída pelos Homens. Um Deus que desce ao encontro de sua criação, que se humilha, não pode ser compreendido como um Deus opressor e manipulador de sua criação.¹⁶⁵ O Deus cristão se fez Homem, como encontramos no prólogo de São João: “*se fez carne e habitou entre nós*” (Jo 1,14). A Sagrada Escritura atesta e afirma a mediação de Jesus Cristo como salvação para o ser humano. É o Transcendente que vem ao auxílio do Homem para elevá-lo à maior condição de sua realização, de sua plenitude humana, para que não termine em sua imanência como um ser sem orientação. O Deus de Jesus Cristo nos libertou de nossas limitações, nos concedeu abundância de vida, oferecendo-nos a possibilidade de nos transformar em nós mesmos, o que não somos sem a presença do Outro, do infinito na nossa condição de ser finito.

“A salvação talvez seja finalmente isso, e não tem outro nome. A face daquele que é nosso Outro se mostra a todos não para nos desorientar e nos ameaçar, e sim como aquele cujo sopro, desde o princípio do mundo, se mistura com o nosso e o reaviva.”¹⁶⁶

Afirmamos, com o autor, que a alteridade de Deus não deve ser temida, mas despertada para o desejo por Deus, presente no Homem como constitutivo de sua condição humana. Isso no remete a outra indagação sobre a salvação. Gesché

¹⁶⁴ GESCHÉ, A., *A Destinação*, pp. 35-43.

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 43.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 42.

nos conduziu a responder a temática da salvação, identificando, primeiro, como constitutivo da condição limitada do ser humano, o desejo de ser salvo. Segundo, que a salvação cristã não significa a perda de sua autonomia diante da alteridade de Deus. Diante disso, há outra indagação que se desdobra em duas, o conteúdo dessa salvação, sua concreta contribuição na vida do Homem e que garantias recebemos quando falamos da salvação cristã.¹⁶⁷

“Em nós se encontra uma dimensão escondida, que gostaria de chamar de ‘um mapa do céu’, como se diz ao ver os pássaros que migram em busca de sua rota. E, que sem o sabermos, faz-nos viver, depositada em nós, como a trêmula, mas indubitável, lâmpada do santuário. Lâmpada vacilante, mas cujo tremular talvez esteja mostrado a sua importância. Foi colocada em nós por aquele que fez de nós uma maravilha quase inacreditável aos nossos olhos, mas com o direito de crer e o dever de amar.”¹⁶⁸

No primeiro capítulo utilizamos essa mesma imagem da rota que o ser humano segue na busca do mapa traçado no céu. Uma imagem que Gesché recorre para falar da dimensão da transcendência como constitutiva do ser humano, mesmo que ele a rejeite como uma possibilidade a alteridade de Deus. Essa terceira indagação amplia e completa as duas anteriores, pois vai tratar de reconhecer e aceitar o que é perceptível à vida cotidiana do ser humano, o de buscar superar os obstáculos que impedem sua felicidade. Sabemos que a pessoa tem necessidade ontológica de conhecer o sentido dos sentidos de sua vida, ou seja, de ir além do conhecimento e do que pode fazer com esse conhecimento. Tem necessidade da finalidade de suas ações, de saber em que direção caminha sua existência. Portanto, podemos confirmar que a existência do ser humano se torna muito mais significativa do que imaginamos, pois busca compreender o sentido último dessa existência, razão de sua vida, que ultrapassa o cotidiano de suas tarefas e descobre sua infinitude.¹⁶⁹

É dentro desse mistério que o ser humano se vê envolvido com o Transcendente e que procura conhecer o sentido de sua existência, que não se reduz apenas às circunstâncias históricas de sua realidade. Algo que vai ao encontro de uma maior elevação, que se desprende em direção ao infinito. Aqui Gesché reforça a antropologia cristã ao afirmar “*que o ser humano é um ser transcendido pelo alto*”.¹⁷⁰ O cristão não pode duvidar, apesar de, em muitos

¹⁶⁷ GESCHÉ, A., *A Destinação*, pp. 45 e 51.

¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 47.

¹⁶⁹ *Ibid.*, pp. 46-51.

¹⁷⁰ *Ibid.*, p. 50.

momentos, ter vivido essa dicotomia entre a salvação na terra ou no céu. Muito bem abordado pelo autor, desde o princípio de seu trabalho, a unidade do ser humano e de Deus, que o criara para participar de sua divindade, para que tomasse parte da criação criada. Por isso, não há como imaginar uma salvação inscrita no ser humano como destinada apenas para o céu. Deus não teria enviado seu Filho se não quisesse participar da humanidade do ser humano. Diz Gesché, “*teríamos consciência dessa perturbadora e infinita grandeza?*”.¹⁷¹ Deus nos deseja e temos, no nosso interior o desejo por Deus. O ser humano, ao reconhecer e permitir desenvolver as dimensões da imanência e transcendência como dimensões articuladas intrinsecamente na sua existência, dará início ao processo de sua salvação. Essa unidade dá condições do ser humano conhecer verdadeiramente o sentido para o qual fora criado, que é desenvolver sua humanidade. Descobrirá em Deus sua plena realização e, então, sua destinação será construir o caminho nessa direção, superando os obstáculos e consolidando a teologia como proposta de uma existência de salvação teologal. “*Nessa salvação ele encontrará o infinito do seu ser*”.¹⁷²

Defrontamo-nos, aqui, com a última indagação que nos dará a visão mais completa sobre o sentido da salvação na perspectiva teologal. Como garantir a salvação como realidade concreta? Gesché trata a questão como a mais difícil na abordagem da salvação, pois não há provas concretas. E, quando questionada, se torna suspeita, dificultando ainda mais a sua defesa. A questão, na verdade, se apresenta como existencial, pois vai tocar naquilo que é essencial à vida do ser humano e em que se sustento para ver realizado seus projetos, ou seja, a garantia do sucesso ou do fracasso de sua vida. O autor inicia essa reflexão trazendo, justamente, a idéia de que a única prova existente é a de que não estamos salvos. É a partir dessa perspectiva concreta que o ser humano experimenta, de que nem tudo é garantido, que Gesché desenvolve a dimensão da fé como necessidade de sobrevivência para o ser humano na sua existência de vida. Afirmação fundamentada no principal elo da relação humana, a confiança. “*Não se tem garantia do amor ou da fidelidade de alguém, de uma vocação ou de grandes*

¹⁷¹ GESCHÉ, A., *A Destinação*, p. 49.

¹⁷² *Ibid.*, p. 51.

*opções de vida, como se tem garantia de coisas mensuráveis e quantificáveis. Por acaso se verifica um ser?”*¹⁷³

Verificamos, então, que o ser humano não possui condições de verificação total de sua existência. Existem questões não verificáveis. Apenas a confiança pode garantir experiências necessárias à própria vida humana. Falamos, nesse aspecto, da fé. Essa confiança depositada no outro, no futuro, que cria as condições da garantia de uma realização mais plena, como nos fala o autor, nos leva a “*superar a incerteza paralisante, para poder realizar algo e realizar-nos.*”¹⁷⁴ Essa realização dos atos e fatos acontecida a partir da fé, da confiança demonstrada, de modo geral na vida, é que nos dá a garantia da verificação.

Retomando a vida de Jesus Cristo, Gesché reúne o verdadeiro sentido da salvação e da mediação dessa salvação na pessoa de Jesus, pois foi com Ele que o ser humano conheceu a salvação associada à fé, uma confiança na Sua pessoa. A confiança é a condição para fé e para a realização dos atos. Mesmo aquela fé cotidiana, depositada nas atividades e na relação entre os homens e mulheres. A partir dessa relação entre confiança e fé Gesché faz uma afirmação teológica que exige atenção: “*A salvação estaria confiada à fé*”.¹⁷⁵ Primeiramente, uma confiança não visível, portanto, de crença mesmo. Crença em alguém que possa visibilizar uma realidade não visível. Alguém capaz de transformar essa realidade em nova. Assim fez Jesus Cristo. Neste segundo momento temos a visibilidade: na ação de Jesus Cristo a realização de Deus. Gesché trata a confiança depositada e construída pelos discípulos em Jesus como alguém “digno de fé”. A confiança em alguém que se deixou conhecer na vida e agiu libertando o ser humano de seus obstáculos, dentre os quais o maior deles, o mal, desencadeado da falta de esperança e da fé. A confiança de que há esperança, de que o mal pode ser combatido e o Homem se libertar da angústia de não ser salvo. Em Jesus Cristo foi dada a certeza da vitória sobre a morte, sobre o mal que destrói o Homem das possibilidades de se conhecer humanamente. Vitória dada em vida e confirmada na Ressurreição. A verificação da salvação, portanto, se encontra nos fatos que transformaram a realidade daqueles que testemunharam e creram.¹⁷⁶

¹⁷³ GESCHÉ, A., *A Destinação*, p. 53.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 54.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 55.

¹⁷⁶ *Ibid.*, pp. 55-57.

Dessa forma, podemos afirmar que é na pessoa de Jesus Cristo que o cristão deve viver o testemunho de visibilizar a salvação, a libertação de todos os males que paralisam o agir humano, que impedem a realidade do Reino entre os Homens. A salvação mobiliza a fé, possível de verificação na realização da dignidade dos homens e das mulheres. A visibilidade de uma nova realidade humana de justiça, fraternidade, paz e caridade. Uma realidade que contagia e permeia toda a estrutura do ser humano, permitindo-lhe viver constantemente uma abertura para a visitação, a dialética de ser visitado e visitante, do outro e de Deus, da Graça de poder construir a sua salvação. No capítulo seguinte teremos a oportunidade de ampliar a compreensão da salvação na mediação da comunidade de fé, que também significa uma comunidade marcada pelas circunstâncias da vida pessoal de cada um de seus membros. Desejando ser, o mais possível, fiéis ao pensamento de Gesché. Não seria demais, no entanto, concluir essa etapa afirmando que é legítima a defesa de uma salvação teologal, construída com concretas realizações e infinitas consumações de vida plena.